

# alameda

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

IIª série #21 (tomo 1) Jul. 2016

## PONTOS NO MAPA

carta arqueológica  
do concelho de Trancoso



**Pedra da Encavalada:**  
singularidade e mudança

**O Gomizianes da Graça Odemira?**  
investigação de sítio de naufrágio

**Couros Artísticos**  
para a Corte e a Nobreza  
(século XIX)



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

# dois suportes... ...duas revistas diferentes

**o mesmo  
cuidado editorial**



**al.madan**  
revista impressa

**Iª Série  
(1982-1986)**

**IIª Série  
(1992-...)**

**(2005-...)**

**al.madan**  
online

**revista digital  
em formato pdf**

[\[http://www.almadan.publ.pt\]](http://www.almadan.publ.pt)

[\[http://issuu.com/almadan\]](http://issuu.com/almadan)



edições  
**CAA**  
Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Luís Barros e Jorge Raposo

Composição gráfica sobre fotografia da área de implantação do povoado pré-histórico das Carigas (Trancoso), incluindo mapa onde se sinalizam os sítios arqueológicos identificados na União de Freguesias de Trancoso e Souto Maior e na Freguesia de Tamanhos.

Fotografia e Mapa © João Carlos Lobão e Maria do Céu Ferreira.



II Série, n.º 21, tomo 1, Julho 2016

#### Propriedade e Edição |

Centro de Arqueologia de Almada,  
Apartado 603 EC Pragal,  
2801-601 Almada Portugal

Tel. / Fax | 212 766 975

E-mail | [secretariado@caa.org.pt](mailto:secretariado@caa.org.pt)

Internet | [www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)

Registo de imprensa | 108998

ISSN | 2182-7265

Periodicidade | Semestral

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Patrocínio | Câmara M. de Almada

Parceria | ArqueHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª

Apoio | Neoépica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo  
([director.almadan@gmail.com](mailto:director.almadan@gmail.com))

Publicidade | Elisabete Gonçalves  
([publicidade.almadan@gmail.com](mailto:publicidade.almadan@gmail.com))

#### Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,  
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva  
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Vanessa Dias,  
Ana Luísa Duarte, Elisabete  
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),  
Luisa Pinho (inglês) e Cristina Gameiro,  
com o apoio de Thierry Aubry (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem  
e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Graziela Duarte, Fernanda  
Lourenço e Sónia Tchissole

#### Colaboram neste número |

Sandra Assis, André Bargão,  
Catarina Bolíla, António Rafael  
Carvalho, Paulo Costa, Ana Cruz,  
José d'Encarnação, Dulce Fernandes,

Maria do Céu Ferreira, Sónia Ferro,  
Raquel Granja, Lois Ladra,  
Marta Isabel C. Leitão, João Carlos  
Lobão, Victor Mestre, Alexandre  
Monteiro, Franklin Pereira,  
Rui Pinheiro, Ana Rosa, Filipe João  
C. Santos, Maria João Santos,  
Maria João de Sousa, Catarina Tente  
e Alexandra Vieira

Jorge Raposo

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Depois do dossiê dedicado pela *Al-Madan* impressa n.º 20 aos sítios arqueológicos visitáveis, com tradução suplementar num mapa que georreferencia *online* 500 propostas de fruição pública distribuídas por todo o território nacional e da mais variada tipologia e cronologia (ver <http://www.almadan.publ.pt/>), este tomo da *Al-Madan Online* dá merecido destaque à actualização da Carta Arqueológica de Trancoso, município onde a revisão de informação antiga e novas prospeções permitiram catalogar 161 sítios já inventariados e inseridos em Sistema de Informação Geográfica. Outros artigos abordam o singular monumento megalítico da *Pedra da Encavalada* (Abrantes), o conjunto de estruturas negativas identificado na rua do Formigueiro (Vila Nova de Gaia), os sítios proto-históricos de Cilhades e do Castelinho (Torre de Moncorvo) e, em particular, a cabeça antropomorfa em granito exumada neste último povoado.

Exemplo da diversidade temática que caracteriza o modelo editorial desta revista, publica-se ainda a investigação arqueológica e documental que associa os destroços de uma embarcação naufragada na costa de Santo André (Santiago do Cacém) ao iate português *Gomizianes da Graça Odemira*, afundado por um submarino alemão em 1917, no contexto bélico do primeiro grande conflito mundial. E são interpretadas as práticas funerárias do século XII, tendo por base os trabalhos arqueológicos e antropológicos realizados na necrópole da igreja de São Pedro de Canaferrim (Sintra).

Os textos de opinião reflectem sobre as relações entre a Arqueologia e a Toponímia, tendo por base as designações dos sítios pré-históricos da bacia hidrográfica do Douro, e enunciam as problemáticas terminológicas associadas ao estudo das cerâmicas de Época Moderna.

Diferentes manifestações do nosso rico Património cultural são também evidenciadas, desde os couros artísticos importados no século XIX para a Corte e a Nobreza portuguesas, passando pela contextualização histórica do mosteiro / convento de Nossa Senhora da Graça, na vila do Torrão (Alcácer do Sal), até à evolução das estruturas defensivas da cidade de Setúbal nos últimos quatro séculos.

Por fim, noticiam-se acções de Arqueologia e de Bioantropologia na Caparica (Almada) e na Salvada (Beja), dá-se conta da edição recente de uma obra importante para a intervenção urbana nas cidades históricas e publicitam-se alguns eventos científicos próximos.

Mas o leitor interessado pode começar já pelas páginas seguintes, onde encontra um belo texto sobre a relação das casas com quem as constrói e habita, e o desabafo de um investigador quase desesperado pela multiplicidade das regras que diferentes publicações impõem para o mesmo propósito: as referências bibliográficas dos textos que editam!

Como sempre, votos de boa leitura!...

EDITORIAL ...3 ▶

CRÓNICAS

De Onde Vêm as Casas? |  
Victor Mestre...6 ▶

O Quebra-Cabeças dos Investigadores |  
José d'Encarnação...9 ▶

Cilhades e a Cabeça  
Antropomorfa do Castelinho:  
um novo elemento da estatuária  
proto-histórica de Trás-os-Montes  
achado no vale do Baixo Sabor |  
Filipe João C. Santos  
e Lois Ladra...52 ▶



ARQUEOLOGIA

Pontos no Mapa:  
notícia preliminar sobre  
a Carta Arqueológica  
de Trancoso |  
João Carlos Lobão  
e Maria do Céu Ferreira...11 ▶

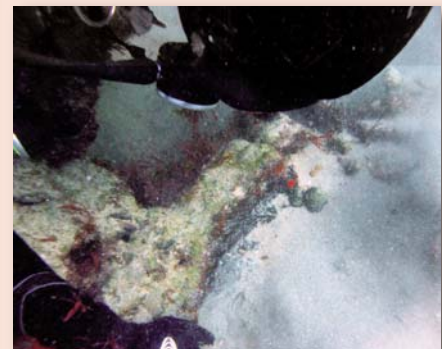


ARQUEOLOGIA NÁUTICA

O *Gomizianes da Graça Odemira?*  
investigação histórico-arqueológica  
sobre um sítio de naufrágio  
(Santo André, Santiago do Cacém) |  
Alexandre Monteiro, Paulo Costa  
e Maria João Santos...72 ▶



*Pedra da Encavalada*  
(Abrantes, Portugal):  
um monumento que justapôs  
a Singularidade e a Mudança |  
Ana Cruz...34 ▶



Rua do Formigueiro  
(Vila Nova de Gaia):  
um lugar de  
estruturas negativas |  
Rui Pinheiro...45 ▶



A Necrópole  
Medieval Cristã  
de São Pedro de  
Canaferrim (Sintra):  
práticas funerárias no  
século XII | Raquel  
Granja, Sónia Ferro  
e Maria João de  
Sousa...80 ▶



ARQUEOCIÊNCIAS

## OPINIÃO

A Arqueologia e a Toponímia:  
uma abordagem preliminar |  
Alexandra Vieira...87 ▶



Problemáticas Terminológicas:  
uma breve reflexão e  
fundamentação em torno da  
cerâmica de Época Moderna |  
André Bargão...95 ▶

## PATRIMÓNIO

Couros Artísticos para  
a Corte e a Nobreza:  
as importações no  
século XIX | Franklin  
Pereira...98 ▶



Documentos para a História  
do Mosteiro / Convento de Nossa  
Senhora da Graça da Vila do Torrão |  
António Rafael Carvalho...110 ▶



A Fortificação Abaluartada  
da Praça de Setúbal: a evolução  
construtiva vista a partir da  
iconografia | Marta Isabel  
Caetano Leitão...144 ▶

## LIVROS

Centro Histórico de Valência:  
oito séculos de arquitectura residencial |  
Victor Mestre...166 ▶

## NOTÍCIAS

Intervenção Arqueológica  
de Emergência: construção  
do acesso pedonal à Residência  
Universitária Fraústio da Silva  
(Caparica) | Catarina Bolila,  
Sandra Assis e Catarina  
Tente...159 ▶



Análise Bioantropológica  
a um Enterramento da  
Quinta do Castelo 5  
(Salvada, Beja) |  
Ana Rosa e Dulce  
Fernandes...163 ▶

## RESUMO

Estudo documental que pretende contextualizar historicamente o mosteiro e convento de Nossa Senhora da Graça da vila do Torrão (Alcácer do Sal). Nascido da iniciativa privada como casa de recolhimento de beatas devotas a Santa Marta, em 1560, décadas mais tarde transformado em mosteiro (1599), o agora convento tem a sua história resumida a alguns elementos soltos. O autor divulga fontes inéditas que clarificam o percurso desta comunidade monástica e conventual no Torrão, e o seu papel religioso, económico, cultural e formativo na vila e na região.

PALAVRAS CHAVE: Idade Moderna; Idade Contemporânea; Análise documental; Religião; Conventos.

## ABSTRACT

Document analysis aiming to contextualise historically the Monastery and Convent of Nossa Senhora da Graça in the township of Torrão (Alcácer do Sal). The building stemmed from private initiative as a home for female devouts of Saint Martha, in 1560. Decades later it became a monastery (1599) and is now a convent, whose history is but a scatter of random elements. The author discloses new sources that explain the development of this monastic community from Torrão, and its religious, economic, cultural and educational role in the town and region.

KEY WORDS: Modern age; Contemporary age; Document analysis; Religion; Convents.

## RÉSUMÉ

L'étude de sources écrites inédites a permis l'encadrement historique du monastère et couvent de Nossa Senhora da Graça da Vila do Torrão (Alcácer do Sal). L'histoire de ce couvent demeure mal comprise. Créé grâce à l'initiative privée, en 1560, en tant que maison de recueillement de femmes dévots à Santa Marta, fut transformé en monastère, quelques années plus tard (1599). L'auteur publie des documents inédits clarifiant le parcours de cette communauté monastique et conventuel de Torrão ainsi que son rôle religieux, économique, culturel et éducatif dans le village et la région.

MOTS CLÉS: Période moderne; Époque contemporaine; Analyse documentaire; Religion; Couvents.

<sup>1</sup> Gabinete de Arqueologia, História, Património e Museus do Município de Alcácer do Sal ([antonio.carvalho@m-alcacerdosal.pt](mailto:antonio.carvalho@m-alcacerdosal.pt)).

Por opção do autor, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

# Documentos para a História do Mosteiro / Convento de Nossa Senhora da Graça da Vila do Torrão

António Rafael Carvalho <sup>1</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Fundado inicialmente como Mosteiro em 1599 sobre umas casas de um recolhimento de beatas, com a invocação de Santa Marta, existentes desde 1560, o agora Convento de Nossa Senhora da Graça não recebeu, até ao momento, um estudo monográfico que julgamos ser necessário efetuar. A identificação de novas fontes documentais sobre este espaço religioso, nomeadamente na Biblioteca Pública de Évora, no Arquivo Distrital de Évora e no Arquivo Nacional da Torre do Tombo <sup>1</sup>, assim como os testemunhos das herdades e foros que se encontram registados nos *Livros das Décimas do Termo do Torrão*, existentes no Arquivo Histórico da Junta de Freguesia do Torrão, parecem augurar melhores dias para o estudo desta comunidade religiosa.

Este contributo, que deve ser lido como uma introdução ao estudo desta casa religiosa, procura, antes de mais, publicar um conjunto disperso de fontes documentais, premissa que achamos a mais adequada como ponto de partida para abordagens mais detalhadas, colocando este espaço religioso na dimensão social, espiritual e económica que teve e que atualmente se encontra perdida <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> De referir que existem também alguns fólios depositados no Arquivo Histórico do Município de Alcácer do Sal e no Arquivo Distrital de Beja, só para citar os locais mais relevantes.

<sup>2</sup> Um agradecimento aos atuais proprietários do imóvel religioso, o Sr. Joaquim dos Santos Pinto e a esposa, D. Umbelina J. Espada Pinto, que nos permitiram aceder ao seu interior as vezes que julgámos necessárias. Um muito obrigado ao Sr. Presidente da Junta de Freguesia do Torrão, Virgílio Manuel da Silva, que facultou a consulta ao Arquivo Histórico do Torrão, no âmbito de uma exposição sobre a História desta vila. Da iniciativa do Gabinete de Arqueologia do Município de Alcácer do Sal, esta ficou patente ao público no Museu Etnográfico do Torrão entre dezembro de 2015 e fevereiro de 2016, tendo-se revelado um sucesso junto da população local, como é normal em eventos desta natureza.



FIG. 1 – Convento de N.ª Sr.ª da Graça do Torrão. Corpo da igreja do convento e da torre-mirante anexa.

## 2. A COMUNIDADE, SEGUNDO ALGUNS TESTEMUNHOS DOCUMENTAIS

O primeiro cronista que nos forneceu uma nota histórica sobre este Mosteiro / Convento <sup>3</sup> foi Jorge CARDOSO (1657: 346). A sua preocupação passava mais por divulgar o carácter sobrenatural / sagrado que esteve por detrás da criação desta casa religiosa, assim como deixar testemunho de santidade de algumas freiras que por lá passaram, utilizando para tal a linguagem barroca da época, muito pitoresca, exaltada, rebuscada, numa exaltação o mais evidente possível das virtudes das religiosas selecionadas como santas, privilegiando-se o sacrifício por elas demonstrado na flagelação corporal quase quotidiana para dominar o que chama de rebeldias da carne, quase sempre conotado com as tentações demoníacas.

Também o seguimento escrupuloso da Regra de Santa Clara, em particular a Terceira Regra da Penitência, por parte desta comunidade após 1599, incluía nas tarefas canónicas estipuladas a observância do voto de pobreza e do silêncio, assim como a aceitação dos castigos impostos, recebidos com “alegria” <sup>4</sup>. O desejo de morrerem o mais cedo possível, no caso de estarem doentes, era um aspecto valorizado nesses relatos como exemplo a seguir e testemunho de fé para memória futura.

O impacto desta obra de Jorge Cardoso, publicada entre 1657 e 1744 (CARDOSO 1657, 1666 e 1744) terá sido importante no decurso da segunda metade do século XVII e ao longo do século XVIII. Reflexo disto foi a publicação em Roma, pelos responsáveis máximos dos Frares Menores, de uma *Crónica* em vários tomos, contendo todos os

conventos da Ordem espalhados pelo mundo. No tomo referente aos finais do século XVI, testemunha-se a existência deste convento, apresentando em Latim um breve apontamento histórico que, pela informação contida, foi beber grande parte da sua informação na obra de Jorge Cardoso (ASCULANO e PLACENTIA, 1794: 249-250 <sup>5</sup>).

Outros contributos documentais foram publicados ao longo dos séculos XVIII e XIX, possuindo valor desigual entre si e pouco ou quase nada adiantando ao testemunho escrito de Jorge Cardoso. Podemos destacar, a título de exemplo, as referências deixadas por COSTA (1708: 484) e por SOUSA (1725: 252).

A única exceção a este panorama lacónico foi o relato manuscrito deixado pelo pároco do Torrão. Nele (ALVES, 1758) são incluídas notas importantes, que nos permitem completar as informações fornecidas pelos autores anteriormente referidos.

<sup>3</sup> Ao longo do nosso estudo utilizaremos a denominação Mosteiro / Convento quando nos referirmos a esta casa religiosa no seu todo temporal. A designação mosteiro corresponde às primeiras décadas da sua existência, numa altura em que só o corpo da igreja tocava com o tecido urbano do Torrão. A designação Convento vai ser reservada para os períodos mais próximos de nós, numa altura em que este imóvel se encontra inserido na vila do Torrão, sendo o seu uso justificado para o período anterior ao século XIX, desde que testemunhado nas fontes manuscritas ou impressas a que tivemos acesso.

<sup>4</sup> É o que parece transparecer das fontes consultadas.

<sup>5</sup> Pelo seu interesse e por ser de acesso difícil, decidimos colocar o texto em Latim (ver Documento 4).

Nas décadas seguintes, pouco ou nada foi acrescentado à sua História, pelo que, grosso modo, eram repetidos os elementos veiculados pelos autores anteriormente mencionados, panorama que chegou até ao presente século XXI. O que desbloqueou o acesso à História e ao quotidiano desta casa religiosa foi, sem dúvida, a descoberta, em 2014, de um *Livro de Visitações* que a Arquidiocese de Évora efetuou a esta casa religiosa, entre 1716 e 1769 <sup>6</sup>. Nele, tivemos acesso a um conjunto importante de elementos que nos permitem, gradualmente, ter uma visão de aspectos do quotidiano, centrados no século XVIII. Este facto incentivou a nossa investigação na procura de mais fontes documentais. Neste momento, possuímos um registo importante para abordar aspectos deste convento, tanto na perspetiva diacrónica, como sincrónica, que julgávamos impossível num passado ainda recente.

Outros apontamentos complementares sobre a história desta casa religiosa podem obter-se na obra de CASTRO (1745: Terceira Parte, fl. 135), patente no ponto “§ XIII”, onde é referido que o Mosteiro de N.ª Sr.ª da Graça do Torrão fazia parte dos Mosteiros de Clarissas existentes no seu tempo, sem adiantar o tipo de jurisdição a que estavam sujeitas <sup>7</sup> (ver Tabela 1).

CONCEYÇÃO (1740: 157), por sua vez, confirma os elementos de CASTRO (1745), frisando que o Mosteiro de N.ª Sr.ª da Graça do Torrão era de obediência do Ordinário e dos Arcebispos de Évora, indicando as outras duas casas religiosas que estavam nesta situação: o Mosteiro do Salvador de Évora <sup>8</sup> e o Mosteiro de Santa Roza de Viterbo da vila de Coruche, que tinha sido fundado em ano indeterminado da década de 70 do século XVII. Com base na exposição deste autor (CONCEYÇÃO, 1740: 153 -158) obtivemos o descrito na Tabela 2.

<sup>6</sup> A transcrição do referido documento encontra-se concluída. O original está à guarda da Biblioteca Pública de Évora. Dado o tamanho do fólio, iremos publicá-lo na íntegra em próximo número da revista *Al-Madan Online*, permitindo aos interessados acesso a uma fonte documental incontornável para o estudo deste convento.

<sup>7</sup> O registo de Mosteiros apresentados por este autor, não foram colocados por ordem alfabética ou por cronologia de fundação, pelo que optamos no quadro seguinte colocar esses elementos por sequência diacrónica, do mais recuado até ao mais recente.

<sup>8</sup> Segundo ele, este mosteiro já existia em 1525, tendo sido demolido em 1558 para dar lugar à Universidade de Évora. Face a esta situação, novo convento foi fundado em 19 de março de 1590, deixando entretanto a Terceira Regra e professando a de Santa Clara.

TABELA 1 – Conventos de Clarissas

Ano de fundação	Localidade	Evocação
1548	Guimarães	Santa Clara
1570 *	Torrão	N.ª Sr.ª da Graça
1580	Lisboa	Santa Marta
1588	Lamego	As Chagas
1596	Pinhel	São Luiz
1602	Vila Real	N.ª Sr.ª do Amparo
1606	Évora	O Salvador
1640	Louriçal	Santíssimo Sacramento
1659	Vinhaes	Santa Clara
1666	Lisboa	Santo Crucifixo
1671	Barro	Madre de Deos
1718	Lisboa	Santa Apolónia

\* O cronista aponta 1570. Contudo, outras fontes creditadas, nomeadamente Jorge Cardoso, que atenta ter consultado documentação alusiva a esta casa, guardada no Arquivo do Arcebispo de Évora, apontam a fundação como Recolhimento de Santa Marta em 1560, e como mosteiro de Jurisdição Diocesana em 1599.

TABELA 2 – Mosteiros da obediência dos Ordinários

*Capítulo XXXV - Em que se manifesta os Mosteiros, e recolhimentos da obediência dos excellentissimos Bispos do Porto, Miranda, Coimbra, Vizeu, Lamego, Évora e Algarve*

Ano de fundação	Bispado e Localidade	Outros elementos
<b>Bispo do Porto</b>		
1681	Porto	Recolhimento de Terceiras de Santa Izabel do Anjo
Estatutos confirmados em 1716	Arrifana	Recolhimento de N.ª Sr.ª da Conceição. Seguem os hábitos da ordem da Imaculada Mãe de Deus e são Terceiras de S. Francisco
<b>Bispo de Miranda</b>		
1559-1598	Bragança	Mosteiro de Santa Clara
Existia antes de 1659	Vinhaes	Mosteiro de Santa Clara
<b>Bispo de Coimbra</b>		
1630	Louriçal	Mosteiro do Santíssimo Sacramento
1680	Aveiro	Para uns foi Mosteiro; para outros um espaço de recolhimento
1732	Couto de Tavadre e da Figueira	Recolhimento de beatas
<b>Bispo de Vizeu</b>		
1596	Pinhel	Mosteiro de S. Luiz de Clarissas urbanas
<b>Bispo de Lamego</b>		
1588	Lamego	Mosteiro das Chagas
Antes de 1671	Freguesia do Barró	Mosteiro da Madre de Deos. Começou como espaço de recolhimento
<b>Arcebispo de Évora</b>		
1525 e 1590	Évora	Mosteiro do Salvador
1560	Torrão	Mosteiro de N.ª Sr.ª da Graça. Início como recolhimento de Terceiras de Santa Marta; Mosteiro em 1599
Por volta de 1670 (ano indeterminado)	Coruche	Irmãs da Terceira Ordem da Penitência
<b>Bispo do Algarve</b>		
1688	Loulé	Religiosas de N.ª Sr.ª da Conceição. Começou como recolhimento



**FIGS. 2 E 3** – À esquerda, enquadramento atual do Convento de N.ª Sr.ª da Graça na vila do Torrão. Corpo da igreja.

Em baixo, localização da vila do Torrão na *Carta Geographica da Provincia da Estremadura*, de José Monteiro de Carvalho (1750-1780). Biblioteca Nacional de Portugal. Em linha. Disponível em <http://purl.pt/24998>.

### 3. BREVE RESENHA HISTÓRICA

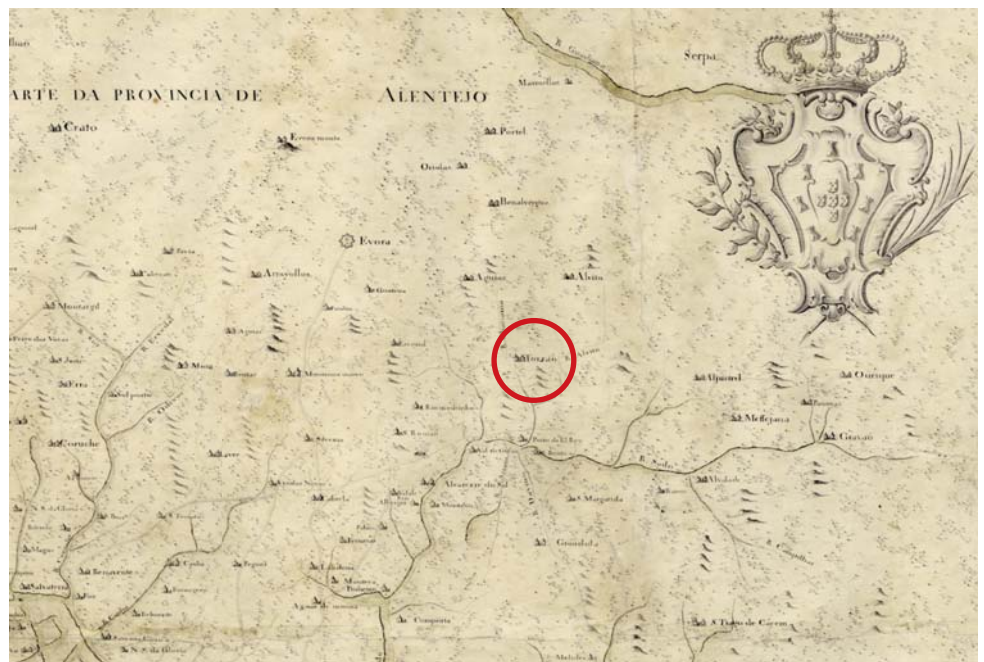
Analisando esta casa religiosa do ponto de vista documental, é possível equacionar um conjunto de fases, que passamos a enumerar e comentar de forma sucinta.

#### 3.1. I FASE

Étapa que corresponde à fundação, por iniciativa particular, de uma Casa de Recolhimento de Beatas a Santa Marta (1560-1599), que se mantém como tal até à constituição do Mosteiro, no final do século XVI.

Todas as fontes conhecidas, nomeadamente as impressas e manuscritas anteriormente referidas, são unânimes em frisar que, por volta de 1560, foi criado, com licença do rei D. Sebastião, um recolhimento, com capela, para acolher mulheres viúvas e donzelas de hábito secular, tendo como orago Santa Marta. Estávamos perante uma iniciativa privada de uma senhora nobre da vila, Brites Pinta, que, para o efeito, tinha cedido umas casas que possuía nessa área periurbana do Torrão.

Continuamos a desconhecer a razão que esteve por detrás desta fundação piedosa. Podemos admitir, entre vários fatores, que ela terá emergido como resposta à falta sentida de uma proteção a um sector importante da população feminina do Termo do Torrão, que buscava



desenvolver a sua espiritualidade. Desde cedo, esta comunidade de mulheres seculares adota a Regra da Terceira Ordem de São Francisco, aspirando, logo que lhes seja possível, a passar a casa religiosa debaixo da Jurisdição Franciscana, como claustrais da Província do Algarve.

O Torrão, como o resto do reino, passava por uma fase fervorosa de religiosidade, com a implantação como lei nacional das diretrizes do Concílio de Trento e a implementação de mecanismos repressivos de caça às heresias, à diferença, aos desvios morais e sexuais, assim como aos judeus, com a criação do Santo Ofício da Inquisição.

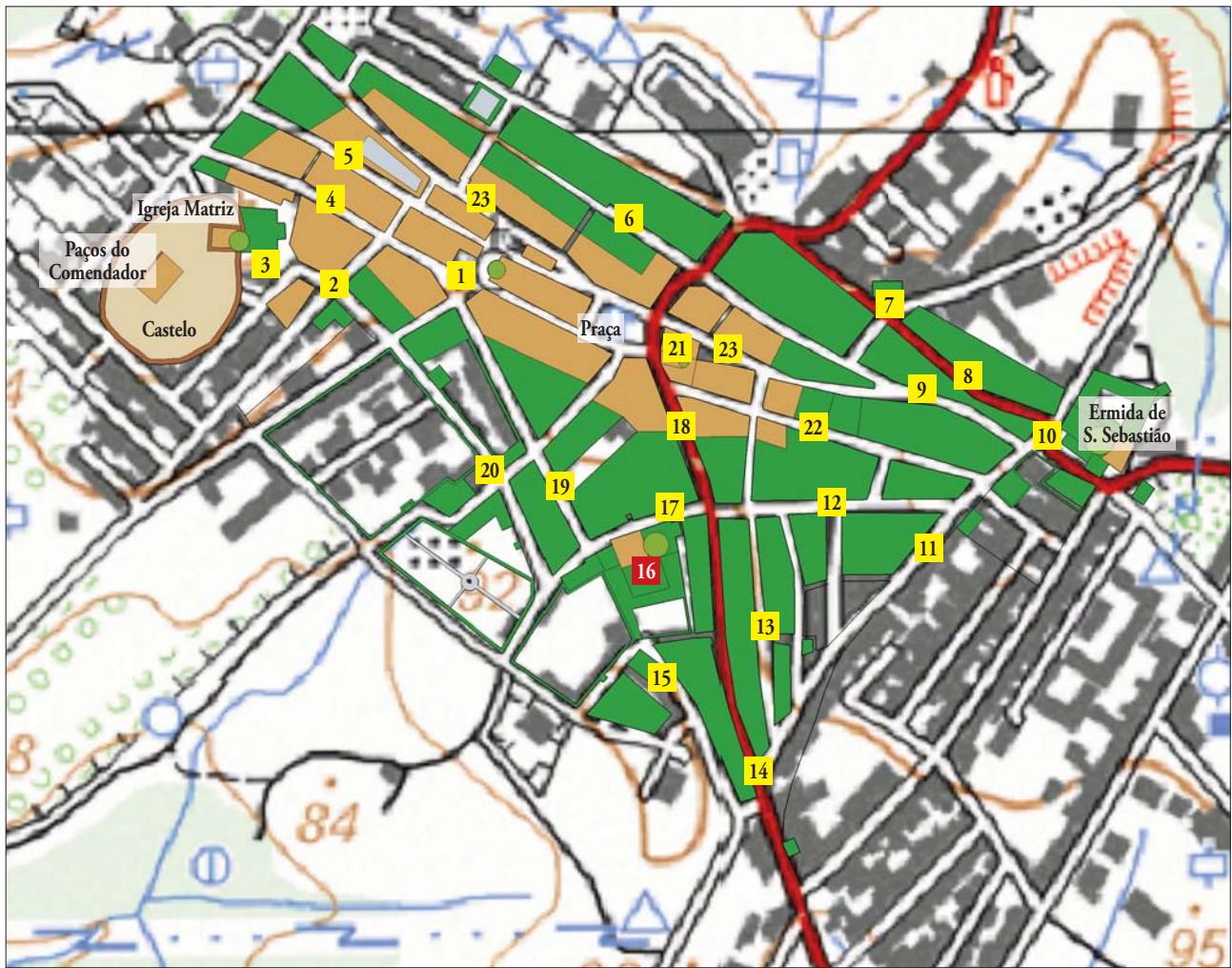


FIG. 4 – Evolução urbana conjectural da vila do Torrão (séculos XIII a XVIII): a castanho, entre os séculos XIII e XVI; a verde, nos séculos XVII-XVIII.

Toponímia das ruas da vila segundo o

*Livro das Decimas do Município do Torrão* (século XVIII):

1. Cemitério, Adro da Igreja da Misericórdia e Rua da Misericórdia;
2. Carreira do Fidalgo; 3. Igreja Matriz e Largo;
4. Rua da Misericórdia; 5. Rua da Azinheira;
6. Rua das Torres, também conhecida como Rua das Cabras;
7. Terreiro; 8. Rua das Estalagens; 9. Rua das Torres;
10. Terreiro e convento de São Francisco; 11. Rua do Cónego;
12. Rua do Fernando; 13. Rua dos Ferreiros;
14. Rua e Estrada de Beja;
15. Rua das Paulas, no Penedo Minhoto;
16. Convento de N.ª Sr.ª da Graça do Torrão;
17. Rua do Poço Mau; 18. Rua e Estrada de Beja;
19. Rua das Freiras; 20. Terreiro dos Fidalgos;
21. Paços do Concelho do Torrão; 22. Rua dos Cardins;
23. Rua do Relógio.

Por outro lado, a Santa Casa da Misericórdia do Torrão, existente como tal desde a década de 30 do século XVI, poderia não dar a resposta de que as jovens e as mulheres seculares, algumas delas viúvas, teriam necessidade. Deste modo, ao entrarem numa comunidade de beatas com aspirações religiosas, mas mantendo certas prescrições seculares, aspiravam a ter as respostas às necessidades que sentiam. Numa altura em que predominava o analfabetismo, estes recolhi-

mentos de vocação feminina, pensados e dirigidos por leigas, eram igualmente locais onde as jovens, antes de casar, podiam aprender as primeiras letras, sendo fundamental para, de futuro, equacionarem se teriam vocação para ingressar numa ordem religiosa.

Temos alguns elementos documentais que permitem compreender como seria a vila do Torrão no século XVI e na passagem para o século XVII. Em suma, reforçando o que já foi dito, estes testemunhos permitem equacionar que estamos perante um século crucial para o Torrão e o seu termo. A vida municipal prossegue, debaixo da vigilância apertada dos oficiais delegados da Ordem de Santiago e do Duque de Aveiro. Na passagem para o século XVII, o Torrão vê nascer duas casas monásticas ligadas à Ordem de São Francisco<sup>9</sup>, que começam a ganhar expressão em contexto Filipino, demonstrando deste modo uma capacidade económica adequada para o efeito<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> O presente convento feminino de N.ª Sr.ª da Graça e o masculino, de Santo António do Torrão, que é fundado anos mais tarde, em 1604. Sobre esta última casa, ver o nosso estudo CARVALHO, António Rafael (2014) – “O Convento Franciscano de Santo António do Torrão (1584/1604-1843): inventário e documentação existente no Arquivo Distrital de Beja”. *Al-Madan Online*. 19 (1): 123-136. Disponível em <https://issuu.com/almdan>.

<sup>10</sup> De referir que, na mesma época, Alcácer do Sal tinha igualmente dois mosteiros, também eles ligados à Ordem de São Francisco.

A população regista um aumento demográfico e alguns torranenses, em busca de uma vida melhor, embarcam nas caravelas. Alguns fixam-se na Índia <sup>11</sup>, outros chegam até Malaca, onde exercem cargos importantes <sup>12</sup>, outros ainda ficam pelas Américas. Enquanto uns partem, outros chegam como escravos, provenientes da África subsariana. No século XVI, é criada uma confraria de Homens Pretos, cuja imagem, numa primeira fase, estava na igreja matriz do Torrão. Passando por breves instantes para a igreja do Mosteiro de N.ª Sr.ª da Graça, em 8 de outubro de 1604, por provisão de Filipe I de Portugal, como governador da Ordem de Santiago, volta de novo para a igreja matriz do Torrão <sup>13</sup>.

### 3.2. II FASE

Corresponde à tentativa, fracassada, de filiação deste recolhimento na Província Seráfica do Algarve (1599). A recusa, por parte da comissão da Ordem de São Francisco, em receber as suas ocupantes na Província do Algarve ou de Xabregas, teve a ver com os bens que possuíam. Na ótica dos avaliadores franciscanos, eram muito pobres. Esta informação, omissa nas fontes portuguesas, nomeadamente em Jorge Cardoso, só aparece em obra publicada em Roma <sup>14</sup>, onde a Ordem de São Francisco assume perante o Papa que o convento é dos Franciscanos, apesar de, em Portugal, a jurisdição pertencer ao Arcebispado de Évora. Só alguns confesores das freiras deste Mosteiro eram frades Franciscanos, na altura quase sempre presentes no Mosteiro de Santo António do Torrão. Um caso paradigmático é o de Frei Luís dos Anjos, então confessor do Mosteiro. Em 1695 foi preso pela Inquisição de Évora, acusado de luxúria. Teve auto de Fé, por se ter “*provado*” que tinha atentado contra a virtude das freiras <sup>15</sup>.

### 3.3. III FASE

Esta etapa corresponde à filiação desta comunidade na Terceira Ordem da Penitência e à emergência de freiras com fama de santidade, até ao eclodir de uma certa “*relaxação*” na clausura (1599-1716).

O Mosteiro foi oficialmente fundado em 1599 pelo Arcebispo de Évora, D. Teotónio <sup>16</sup>, que o aceitou debaixo da sua jurisdição e enviou como fundadoras algumas freiras retiradas do Mosteiro do Salvador de Évora, no dia 5 de fevereiro desse mesmo ano. Chegadas estas ao Torrão, estabeleceram aí a rígida observância que ainda hoje se guarda (SOUSA, 1725: fl. 252). Segundo o mesmo autor, este arcebispo vai morrer no dia 29 de Julho de 1602, no Convento de S. Francisco de Évora (SOUSA, 1725: fl. 253).

Julgamos que a “*Rígida Observância*” referida seria alusiva à obra ordenada anos antes, em 1583, pela Madre Soror Maria do Presépio, fundadora do Mosteiro de Santa Marta de Jesus, em Lisboa <sup>17</sup>, tendo em conta a ligação desta casa religiosa de Lisboa com os acontecimentos posteriores que estão por detrás da génese da casa do Torrão.

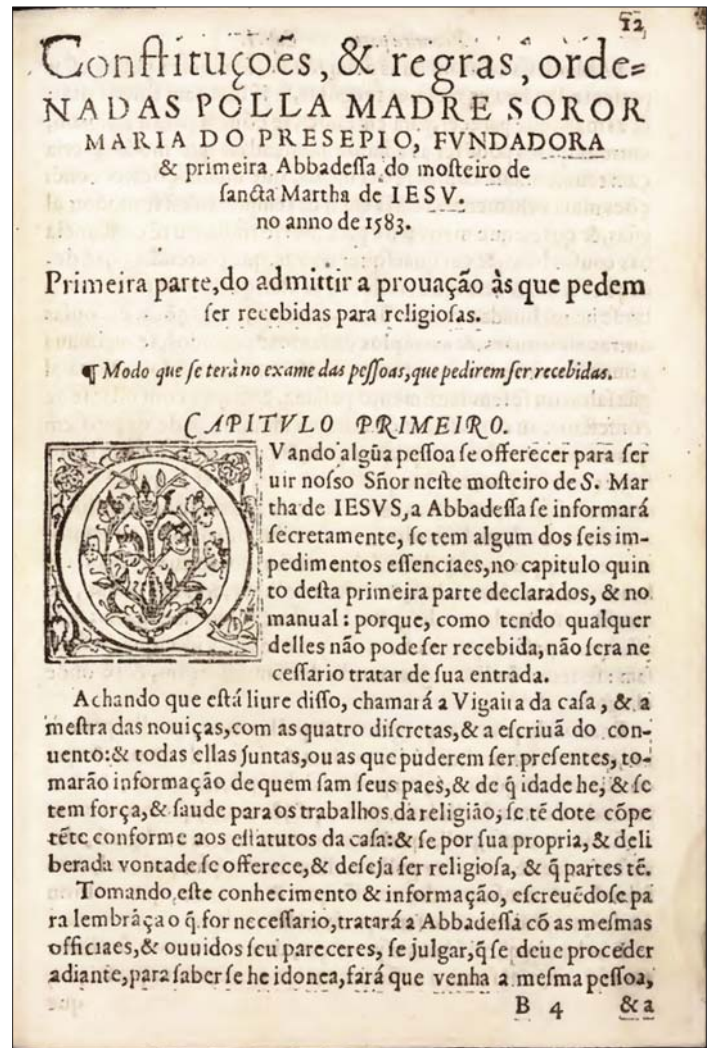


FIG. 5 – Fólio do início das Constituições ordenadas pela Madre Soror Maria do Presépio.

<sup>11</sup> Por exemplo, os dois soldados naturais do Torrão que morreram no 2º Cerco de Dio, em 1546 – Manoel de Brito, o Langará, e Pedralvares de Mancellose, filho de António de Mancellos, mencionados por COUTO, 1736: fl. 140.

<sup>12</sup> Caso de Fernão Vaz, natural do Torrão, que, num documento efetuado no dia 25 de Abril de 1513, aparece como “Homem do Almoarifado dos mantimentos da fortaleza de Malaca”. Arquivo da Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte II, mc. 38, n.º 72.

<sup>13</sup> Ver Documento 2.  
<sup>14</sup> ASCULANO e PLACENTIA (1794): fl. 250. Ver o comentário de pé de página referente a este documento (Documento 4).

<sup>15</sup> Ver Tabela 3, neste estudo (p. 121).

<sup>16</sup> Estamos perante um dos Arcebispos de Évora que tem recebido mais atenção dos académicos. Entre os vários estudos, realçamos o mais recente, direcionado para a História da Arte – SERRÃO (2015).

<sup>17</sup> O referido manuscrito foi enviado pela Soror Maria da Encarnação a Fr. Bertolomeu Ferreira, que a aprova, sendo confirmada por Jorge Sarrão, António de Mendonça e Diogo de Sousa, após análise efetuada em 1589. A obra foi, por fim, publicada em 1591, com o título de “Regra da Bemaventurada Sancta Clara, & Constituições do Mosteiro de Sancta Marta de IESV”.

**FIG. 6** – Rua medieval de acesso ao Convento de N.ª Sr.ª da Graça, com origem na igreja matriz. Antes de 1740 seguia em frente. O alargamento da cerca conventual desativou a ligação desta via pública com a estrada de Beja.



De facto, as fontes documentais referem que Soror Margarida de Santa Marta tinha saído do mosteiro de Lisboa para fundar o Mosteiro do Salvador de Évora, em 1590, do qual veio a ser a primeira Abadessa.

Passados nove anos, e contando novamente com o apoio do Arcebispo de Évora, D Teotónio, é enviada para o Torrão, onde funda o Mosteiro de N.ª Sr.ª da Graça, em 1599, de que também foi primeira Abadessa.

Face ao exposto, e em fase da experiência e poder que detinha, é pois plausível que tenha implementado no Mosteiro do Torrão as constituições que já conhecia de longa data, desde a sua vinda de Lisboa, passando por Évora. Pudemos consolidar esta hipótese através da análise de um manuscrito inédito à guarda da Biblioteca Pública de Évora (PRESEPIO, 1664: fl. 1): as *“Constituições ordenadas pella Soror Maria do Presépio fundadora e primeira Abadessa do Mosteiro de Sancta Maria de Jesus no anno de 1583, de que este convento do Salvador de Évora foi fundado e por isso ficarão com as mesmas constituições* <sup>18</sup>. *E agora novamente feita de segunda nas escritas com [licença] do Prelado, pera mais brevidade e utilidade em se guardarem, neste anno de 1664”*.

<sup>18</sup> O sublinhado é nosso.

A análise da obra impressa em 1591 em Lisboa e da versão manuscrita de 1664, em vigor em Évora, permitiram constatar que a cópia do século XVII segue o texto impresso ao longo dos primeiros capítulos. Contudo, nos últimos fólios a sequência de capítulos e o conteúdo diferem de forma pontual.

### 3.4. IV FASE

Compreende às Visitações Regulares efetuadas pelo Arcebispado de Évora (1716-1769).

Pelo que podemos deprender da leitura crítica do *Livro das Visitações* que o Cabido e o Arcebispado de Évora efetuou a esta comunidade religiosa no decurso do século XVIII, parece patente a inexistência de

documentação anterior. O referido livro menciona um incêndio ocorrido em ano não especificado do século XVII ou nos inícios do século XVIII. Admitimos que este evento poderá ter contribuído para a destruição de documentação anterior. Os visitantes também constataram, com base nas inquirições às freiras, que, até ao início do século XVIII, não tinha sido prática corrente o registo sistemático de aspectos importantes desta comunidade, nomeadamente o número de freiras de véu preto e de véu branco que podiam ingressar no convento, o controlo dos gastos do Mosteiro, o registo dos foros que recebia, a regularidade dos mesmos, se havia dinheiro emprestado a juros, etc. Também não tinham o registo das educandas, referindo-se que muitas delas estavam a dever ao convento, pelo que foi determinado que deviam pagar o quanto antes, senão seriam expulsas. Admitimos, por isso, que a produção documental nesses anos terá sido pouco significativa.

Da leitura do livro de atas de BRITTO (1716-1769: fl. 1), depositado na Biblioteca Pública de Évora, pudemos apurar um conjunto de documentos que ordenamos da seguinte maneira:

- **Documento 1**, [fl.2]: *1ª Visitação ao Convento (1716-05-11/23)*;
- **Documento 2**, [fl. 8]: *2ª Visitação efectuada ao Convento (1716-09-04)*;
- **Documento 3**, [fl. 10]: *Leis e determinações feitas p.ª o Convento de N.ª S.ª da Graça da Villa do Torrão da Ordem de S. Francisco na, visita que nelle principiou o Ex.mo R. mo Snr Arcebispo de Évora D. Fr. Miguel de Távora em os seis de Fevereiro de mil Settecentos e quarenta e quatro (1744) e findou em três de Março da mesma era*;
- **Documento 4**, [fl. 25]: *Provizão do Exmo reverendissimo Snr Arcebispo sobre duzentos e setenta mil reis, q este convento tomou a juros ao R[everendo] Alberto Vieyra Parocho da freguesia de N.ª Snrª de Machede, termo da cidade de Évora, este anno de 1744*;



**FIG. 7** – Igreja do Convento, sendo visível a porta principal. Por cima e entaipado, existe um nicho. Segundo as pessoas mais velhas do Torrão, aí estava uma imagem de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> (entretanto desaparecida), a quem as crianças acenavam quando passavam perto.

*mesma Cid[ade] e Vizitador do Conv[ento] de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Graça das Religiosas desta Villa do Torrão [e acompanhado (pello)?] Ex.mo R[everendissimo] Snr Vizitador Mattos N[egrão?], Prelado da Sancta Igreja de [Lisboa?] de Conc[elho] de Sua Ma-*

- **Documento 5**, [fl. 27]: *Leis e determinações feitas p[ara] o Convento de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Graça do Torrão em Visita que nelle [concluiu] o Ex[tissimo] Re[ferendissimo] S[enhor] Arcebispo de Evora D. [...] Miguel de Tavora da Ordem dos Ermitas de S. Agostinho aos oito de Agosto de 1747;*
- **Documento 6**, [fólios não numerados]: *continuação do documento anterior, colocando mais deliberações - Advertencias p[ara] o Conv[ento] das relig[iosas] de N. S.<sup>a</sup> da Graça do Torrão na era [...] aos oito de Agosto de 1747;*
- **Documento 7**, [fl. 29]: *Determinações q o Ex. R[everendissimo] Snr Arcebispo de Évora D. Fr. Miguel de Tavora fez para o Convento de Relig[iosas] de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Graça da Villa do Torrão na Vizita q no d[ito] Convento [...] a 26 de Julho, e [...] de 1750 em q sahio eleita na comunidade p[ara] Abb[adeça] do d[ito] Convento a R[everenda] M[adre] Josefa da Gloria;*
- **Documento 8**, [fl. 31v]: *Actas, e Determinações que fez o Ex.mo Snr Arcebispo de Evora D. Fr. Miguel de Tavora p[ara] o Convento das Religiozas de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Graça da Villa do Torrão, na vizita que no mesmo convento concluiu em vinte e seis [fl. 32] de Novembro de mil e setecentos e Sincoenta e três ao depois de ter feito Abbadeça do Convento por eleição canónica a R. M[adre] Francisca Maria do Pilar e Vigaria por mais votos a R. M[adre] Maria do sacramento, e Mestra das Noviças a M[adre] Maria do Nascimento;*
- **Documento 9**, [fl. 34v]: *Leis, Actas q fez o Ex. R. Sm.<sup>a</sup> Arcebispo Dom Fr. Miguel de Tavora para o conv[ento] de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Graça da V[ila] do Torrão na Vizita que nelle concluiu aos quinze de Dezembro de mil e setecentos e sincoenta e seis depois de ser elleyta em Abbadeça a R[everenda] M[adre] Perpetua do Céu, q o foy canonicamente em nove de sobre dito mez de Dezembro;*
- **Documento 10**, [fl. 38]: *O Douitor Pascoal Rodrigues da Costa Barcharel na Santa See de Évora, Dezembargador da Relação Eclesiástica da*

- g[estade] Fidelissima e Vig[ario] Capytular deste Arcebispado de Evora;*
- **Documento 11**, [fl. 39]: *Actas da Vizita ao Conv[ento] do Torrão. 1763. “D. Vicente da Gama Leal Bispo de Thecalonia, coadjutor, o futuro sucessor do Bispado do Rio de Janeiro do Conselho de S. Mag[estade] fidelissima, e g[overnador] deste Arcebispado de Evora pelo Ex[elentissimo] R[everendissimo] Sr D. João de N. S[enhora] Arcebispo do mesmo Archebispado Preg[ador] das justiças, e do Cons[elho] de Estado de [Sua Magestade], etc.;*
- **Documento 12**, [fl.42]: *Certifico eu Soror Ignacia da Gloria Escrivã deste Convento de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Graça da villa do Torram q logo q foi apresentado este Livro de atas a R[everenda] M[adre] abb[adesa] Soror Maria da Cerificação o mendou ler perante toda a comunidade por assim ordenar o noço Prelado Ex.mo Senhor D. Vicente da Gama [Leal] e por assim ser verdade paçei uma certidão em fê do meu officio em vinte de Maio de mil e setecentos e setenta e três;*
- **Documento 13**, [fl. 42v]: *Actas feitas para o Convento de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Graça da Villa do Torrão na Vizita q teve o privilegio em 11 de Mayo de 1766;*
- **Documento 14**, [fl.44]: *Dom Vicente da Gama Leal por merce de [Piedade?] Bispo de Thesalonia coadjunto e [futuro] sucessor do Bispado do Rio de Janeiro do Concelho de Sua Magestade Fidelissima, Governador do Arcebispado de Évora pelo Exmo Mon[senhor] Sr Arcebispo Regedor V.<sup>o</sup>”.*

A análise sumária deste livro manuscrito permitiu obter um conjunto interessante de elementos, que serão analisados noutros estudos. Neste momento, podemos avançar que a 1.<sup>a</sup> Visitação registada por escrito a esta comunidade foi efetuada em 1716, numa altura em que o Arcebispado de Évora se encontrava em sede vacante, após a morte do último Arcebispo, D. Simão da Gama.

**FIG. 8** – Vista geral da vila do Torrão, com a Igreja Matriz ao lado do Castelo / Paço do Comendador, entretanto desaparecido. Em volta os olivais. Alguns deles pagavam foro ao convento.



Outra fonte importante para determinar o número de foros que pertenciam a esta comunidade foram os tomos anuais do *Livro das Decimas*<sup>19</sup> e *Manejo do Termo do Torrão*. Alguns deles ainda existem no Arquivo Histórico da Junta de Freguesia do Torrão. Uma leitura preliminar permitiu recolher elementos interessantes sobre os foros pagos a esta comunidade religiosa. Desconhecemos o destino que tiveram os livros de *Registo de Despesa e de Receita*, ou o *Tombo dos Bens* deste Convento, cuja execução sabemos, pelo *Livro das Visitações*, ter sido ordenada no decurso do século XVIII. Por isso, os tomos do *Livro das Decimas*, se bem que só respeitantes ao termo do Torrão, permitem completar um quadro de outra forma inviável.

Consultámos, por agora, os volumes respeitantes aos anos de 1766 e 1769, que, grosso modo e com poucas alterações, repetem as informações entre si. Neles, ficamos a saber que o convento de N.ª Sr.ª da Graça do Torrão recebia foros de herdades, de courelas, de terrenos, de olivais e de lagares localizados nas várias freguesias que compunham o termo. O pagamento era quase sempre em alqueires de trigo, raramente cevada, que, quando excediam as necessidades da comunidade, eram postos à venda, depois de avaliados por oficiais que, presumimos, estariam ligados ao Município do Torrão<sup>20</sup>.

Entre os exemplos detetados, podemos referir, de forma aleatória, a existência de seis olivais: um localizado junto ao Castelo<sup>21</sup> do Torrão, outro no sítio do Moirão<sup>22</sup> e os restantes no sítio da Arede, no pego das Canas, no Azinhal e no Ribeiro do Covão<sup>23</sup>. Deles recebia o convento seis almudes de azeite, avaliados em 4800 reis<sup>24</sup>. Noutro apontamento mais pormenorizado, é dito que a herdade de Val de Paraíso era foreira à religiosa Soror Maria do Carmo, em 26 alqueires de trigo.

É também mencionada a existência de um lugar de azeite, denominado de São Roque<sup>25</sup>, que era foreiro em seis cântaros e meio de azeite, pagos às religiosas do convento do Torrão, sendo privilegiadas as suas irmãs em mais seis cântaros de azeite, avaliados em 8000 reis. Parte do dinheiro obtido servia para pagar missas<sup>26</sup>.

<sup>19</sup> O imposto da Décima decretado pelas Cortes em 1641 é uma fonte fiscal que incidia sobre os rendimentos coletáveis de trabalho e da propriedade fundiária. Surge após a Restauração, a fim de prover Portugal de um exército permanente que fizesse face à ameaça externa e vigoraria somente para o período da chamada guerra da Aclamação. No entanto, após vários ciclos, é restabelecido por Alvará de 26 de Setembro de 1762 com a taxa de 10% e sob a administração da Junta dos três Estados, subsistindo com ligeiras alterações até às reformas fiscais de 1833.

<sup>20</sup> Muitas vezes, o próprio convento estava isento de pagar o imposto à Câmara do Torrão, porque era uma instituição privilegiada.

<sup>21</sup> O castelo desapareceu há muito, ficando a sua memória registada na toponímia.

<sup>22</sup> A meia encosta do cerro onde se localizava o castelo da vila, junto à albufeira da barragem do Vale de Gao, ao lado do sítio das Passadeiras.

<sup>23</sup> Desconhecemos a localização precisa de todos eles.

<sup>24</sup> *Livro da Decima do Termo do Torrão*, ano de 1766, fl. 46.

<sup>25</sup> Pelo nome, supomos que ficaria junto à ermida de São Roque, ao lado da estrada para Odivelas e Beja.

<sup>26</sup> *Livro da Decima do Termo do Torrão*, ano de 1766, fls. 47v e 48. Algumas dessas missas eram ministradas pelo pároco da matriz da vila.

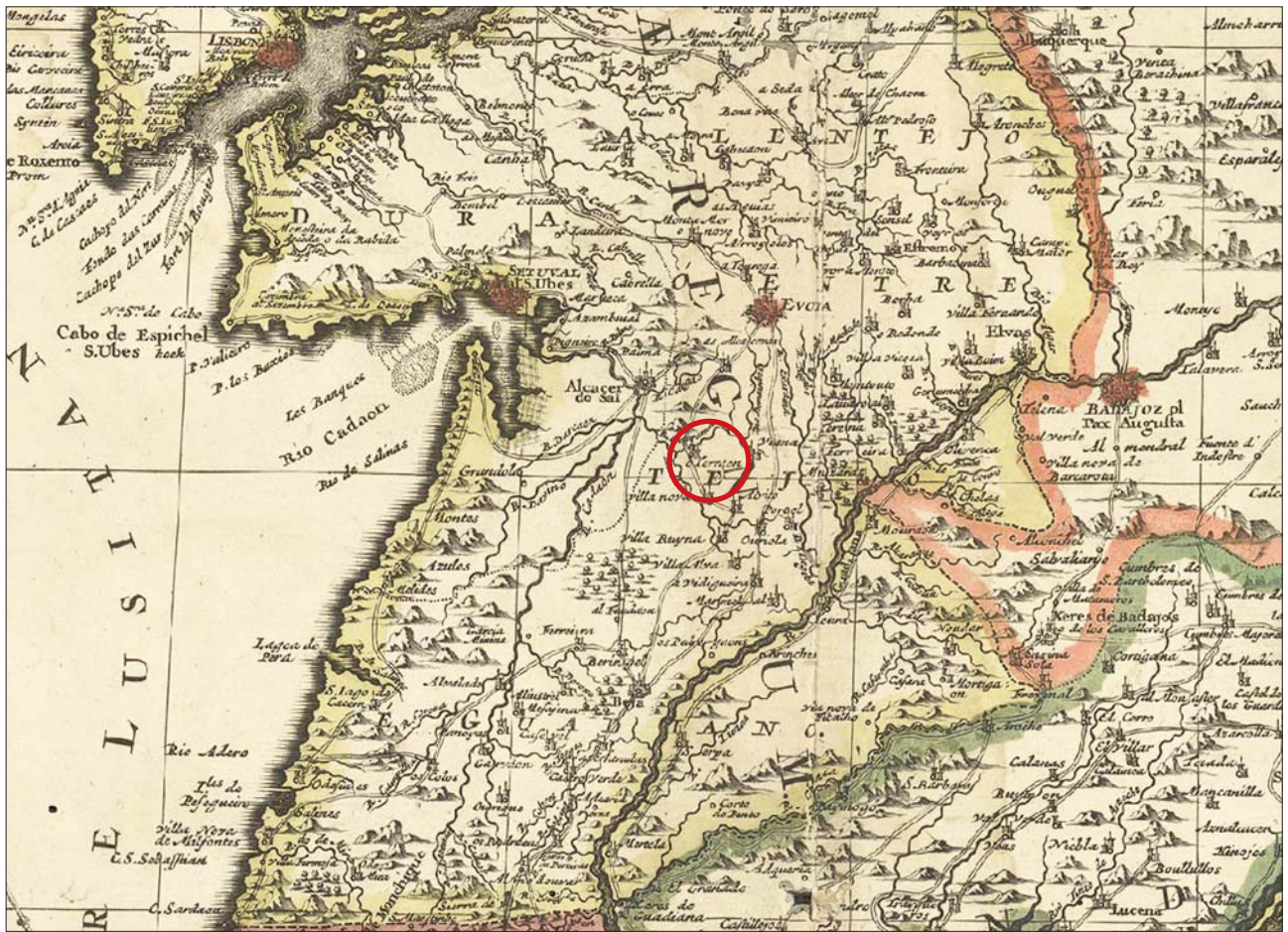


FIG. 9 – Mapa do Sul de Portugal onde consta o Torrão, localizado a Sul de Alcácer do Sal. Foi efetuado por François Halma (1653-1722), na altura do apogeu deste Convento.

### 3.5. V FASE

Coincide com a última Fase da Clausura, que podemos, grosso modo, definir entre 1769 e 1848. Durante este período, temos a registar alguns elementos curiosos, dos quais mencionamos o episódio seguinte. Em 1790, foram passados uns “Autos de habilitação de D. Rosa Maria da Exaltação de Santa Cruz”. Esta tinha-se casado na cidade do Pará (Brasil) com José Peres da Silva. Regressou a Portugal, onde o marido a deixou recolhida no Convento de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Graça do Torrão, Província do Alentejo, tendo voltado de novo para o Brasil. A ação prendeu-se com a herança do marido, entretanto falecido, tendo o processo corrido pelo cartório do escrivão Francisco da Silva Braga<sup>27</sup>. Contudo, o assunto demorou até ser concluído, pelo que, passados dois anos, em 1792, foi elaborada uma “Autuação de uma petição de D. Rosa Maria da Exaltação”. Esta encontrava-se na altura recolhida no Convento de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Graça, mercê de decreto real. O extenso documento possui dez fólhos e foi seu procurador João José Dias da Silva, mercador em Lisboa. O assunto prendia-se de novo com a herança do marido falecido no Brasil e o processo voltou a correr no cartório do escrivão Francisco da Silva Braga<sup>28</sup>.

<sup>27</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Justificações Ultramarinas, Brasil. Mç. 494, n.º 11.

<sup>28</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Justificações Ultramarinas, Brasil. Mç. 494, n.º 10.

### 4. COMO NOTA FINAL

Como foi exposto anteriormente, procurámos neste contributo publicar um conjunto de documentos, todos eles inéditos, referentes a esta comunidade religiosa. Na impossibilidade de os publicar na sua totalidade, dado o volume dos mesmos ir sobrecarregar este trabalho, optámos por selecionar os elementos que achamos mais relevantes. Estes foram inseridos na Tabela 3 (ver adiante), ordenados por ordem cronológica.

Terminamos com a publicação, nas páginas finais, de um conjunto de fontes, quase sempre fragmentos de conjuntos maiores, que foram ordenadas por áreas temáticas e numeradas cronologicamente em sequência crescente. De referir que todos os documentos transcritos dados a conhecer neste trabalho encontravam-se inéditos, excetuando o Documento 2, dado a conhecer por LAHON (2012: 81, nota n.º 57).

TABELA 3 – Mosteiro / Convento de Nossa Senhora da Graça do Torrão

Ano	Arcebispo de Évora	Visitador e outras entidades	Abadessa	Escrivã	Freira	Educandas e criadas	Fontes e Bibliografia
<b>Reinado – D. Sebastião (1557-06-16 a 1578-08-04)</b>							
1560	1. Cardeal Infante D. Henrique. O Cardeal-Rei (1540-1564)	Casas de Bristis Pinta, senhora nobre, que cria um recolhimento de evocação a Santa Marta (1), com Capela anexa com a mesma evocação (2) Brites Pinta recebeu em 1560 licença de D. Sebastião para criar este recolhimento (1) e (3)				(1) ALVES, 1758; (2) ALVES, 1758;	(1) CARDOSO, 1657: 346-347; (3) COSTA, 1708: 484
Entre 1560 e 1577	2. D João (I) de Melo e Castro (1565-1574)	Após a morte de Brites Pinta, uma parente sua, Maria Pinta, recolhe-se aqui com as suas criadas e donzelas da terra, que passavam o tempo a rezar			Brites Pinta, criadas e donzelas do Torrão; Leonor de Jesus, Velleira do recolhimento; Maria da Cruz, dama da Infanta D. Maria		CARDOSO, 1657: 346-347
Entre 1560 e 1577 (data da morte da Infanta D. Maria)	3. Cardeal Infante D. Henrique. O Cardeal-Rei (1575-1578)	Esmola da Infanta D. Maria, construindo-se o dormitório, compra de renda (ainda que pouca) e passagem para a Terceira Regra; Tentativa de passagem para a Província do Algarve (1), não conseguida Não entraram na Província do Algarve porque eram muito pobres. Quem as aceitou foi D. Teotónio, Arcebispo de Évora (1). Essa informação aparece em texto tardio publicado em Roma (2)					(1) CARDOSO, 1657: 346-347; 2) ASCULANO e PLACENTIA, 1794: 250
<b>Reinado – Cardeal-Rei D. Henrique (1578-08-04 a 1580-01-16)</b>							
<b>Reinado – Filipe I de Portugal (1581-04-17 [Cortes de Tomar] a 1598-07-13)</b>							
<b>Reinado – Filipe II de Portugal (1598-07-13 a 1621-03-31)</b>							
1599	4. D. Teotónio de Bragança (1578-1602)	O palácio Camões, em Évora, é transformado em Mosteiro do Salvador. A sua primeira abadessa é Margarida de Santa Marta (1590 a 1599)			Em 1599, a Soror Margarida de Santa Marta sai de Évora e, por ordem de D. Teotónio, funda o Mosteiro do Torrão. Presumimos que será a primeira abadessa da mesma casa. Com ela foi a Soror Maria da Conceição.		
1599-02-05		Fundadoras, vindas do convento do Salvador de Évora: Madre Margarida de Santa Marta e Maria da Conceição D. Teotónio aceitou este convento com licença do rei. Pela data, presumimos que com autorização de Felipe I de Portugal e Mestre da Ordem de Santiago			Outras freiras referidas na fundação, em 1599, são: Clemencia de Jesus, Mariana da Assunção, Maria da [Tenda], Isabel da Visitação, Isabel da Mãe de Deus, Isabel do Rosário, Barbara da [Concepção] (1)		CARDOSO, 1657: 346-347; COSTA, 1708: 484; SILVA, 1725: 252; (1) ASCULANO e PLACENTIA, 1794: 250
Outubro de 1604	5. D. Alexandre de Bragança (1603-1608)	Irmandade dos Remédios dos Homens Pardos Provisão do rei D. Felipe II de Portugal, para a Irmandade poder mudar a imagem de N.ª Sr.ª dos Remédios do convento das freiras do Torrão para a igreja matriz do Torrão					Torre do Tombo. <i>Irmandade dos Remédios dos Homens Pardos</i> , Torrão. Livro 8, fl. 184.
	6. D. Diogo de Sousa (1610)						

Continua na página seguinte

**TABELA 3 – Mosteiro / Convento de Nossa Senhora da Graça do Torrão** [continuação]

Ano	Arcebispo de Évora	Visitador e outras entidades	Abadessa	Escrivã	Freira	Educandas e criadas	Fontes e Bibliografia
<b>Reinado – Filipe III de Portugal (1621-03-31 a 1640-12-01)</b>							
1623		Morte da Soror Maria da Cruz, dama da Infanta D. Maria, com 109 anos e fama de santa. Tinha gatos como animais de companhia e era Vigária da casa					CARDOSO, 1657: 347
1626-03-21	7. D. José de Melo (1611-1633)	Quitação do dote de Soror Maria [Procurador do Mosteiro]: Soror [Paula] de [...] vigária da casa Frey António Franco; Escrivão: [Simão Afonso]	Soror [Paula] de [...] vigária da casa	Soror Magdalena da [...], escritvã do Mosteiro	Soror Maria, filha de Simão de Azevedo; Soror Maria da Cruz; Soror Maria da [Rezenbção]; Soror [Ana] da Piedade; Soror Ana da Conceição		Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N.ª Sr.ª da Graça do Torrão, 00019
Antes de 1631		Instituição da Capela das Chagas de Cristo, com esmolas em sua vida e sucessores para manutenção Doutor Fr. Simão Soares de Carvalho					Leitura efetuada por António Rafael Carvalho, inserida neste estudo (ver p. 130)
1633-10-22		Trasladação das ossadas do Dr. Fr. Simão Soares de Carvalho, desde Madrid, para a sua Capela, na Capela-Mor da igreja do Convento Doutor Fr. Simão Soares de Carvalho					<i>Idem</i>
1ª metade do século XVII, anterior a 1657	8. D. João Coutinho (1636-1643)	Jorge Cardoso dá a conhecer um conjunto de Sorores com fama de santidade, que viveram neste mosteiro	Soror Maria da Cruz Franc., dama da Infanta D. Maria; Soror Clemência de Jesus Clarissa; Soror Mariana de Assunção Franciscana; Soror Francisca das Chagas Menorita; Soror Catharina de S. João; Soror Isabel do Rosário Clarissa; Soror Catarina da Trindade				CARDOSO, 1657
<b>Reinado – D. João IV (1640-12-01 a 1656-11-06)</b>							
1657	9. D. Pedro de Lencastre e 5º Duque de Aveiro (não confirmado pelo Papa)	Soror Mariana de Assunção Franciscana, com fama de santa		Entrou ainda criança neste convento pela portaria e em romaria. Recebeu algumas penitências públicas, como servir na cozinha com as serventes.			CARDOSO, 1657: 628-629
<b>Reinado – D. Afonso VI (1656-11-06 a 1683-07-12)</b>							
1665-12-18 (Torrão)	Não confirmado pelo Papa	Provisão para não se alhearem nem empenharem os bens do convento de N.ª S.ª da Graça do Torrão Arcebispo D. Diogo de Sousa					RIVARA, 1871: 60.
<b>Reinado – D. Pedro II (1683-07-12 a 1706-12-09)</b>							
1695-03-07 a 1695-10-12	10. D. Diogo de Sousa (1671-1678)	Frei Luís dos Anjos, preso pela Inquisição de Évora por tentar a virtude das freiras O réu, natural de Moura, era na altura Frei professo no convento de Santo António do Torrão. No dia 7 de Março de 1695 foi preso pela inquisição de Évora. No dia 12 de Outubro de 1695 recebeu auto de fé. Na acusação foi dito que o réu, sacerdote, pregador e confessor no convento de N.ª Sr.ª da Graça do Torrão, após confessar as freiras, solicitava-as para ações ilícitas, pecando contra a sua virgindade. Foram as religiosas que o denunciaram ao Santo Ofício.					Arquivo da Torre do Tombo, TT - Cota atual, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Évora, proc. 2286
1695		Herdade de Vale de Gaio pertencente ao Mosteiro Nesse ano, a herdade figura no arrolamento dos bens desta casa religiosa, efetuado pelo Juíz de Fora do Torrão e Ferreira, que também era o Juíz do Tombo					Arquivo Histórico do Município de Alcácer do Sal, Comarca de Alcácer do Sal, Livro de Registos de Articulados e Sentenças, Cartório do 2º Ofício (1898 a 1900)
		11. D. Frei Domingos de Gusmão (1678-1689)					

Continua na página seguinte

TABELA 3 – Mosteiro / Convento de Nossa Senhora da Graça do Torrão [continuação]

Ano	Arcebispo de Évora	Visitador e outras entidades	Abadessa	Escrivã	Freira	Educandas e criadas	Fontes e Bibliografia
1700-02-12	12. D. Luís da Silva Teles (1691-1703)	Notificação feita à Reverenda Madre Abadessa [Conceição], religiosa do Convento de N.ª Sr.ª da Graça da vila do Torrão, para participar na demarcação das propriedades deste Convento que eram confinantes com as herdades pertencentes à Santa Casa da Misericórdia.	Abadessa Madre Conceição				Arquivo da Santa Casa da Misericórdia do Torrão, <i>Livro do Tombo da Santa Casa da Misericórdia do Torrão (1700-1863)</i> , fl. 2 (transcrição de António Rafael Carvalho)
	13. D. Simão da Gama (1703-1715)						
<b>Reinado – D. João V (1706-12-09 a 1750-07-31)</b>							
1716	Sede Vacante (1716 até 1740)	Início das visitas regulares ao Mosteiro / Convento do Torrão Visitador, Manoel Guerreyro de Britto	Maria da Madre de Deos foi eleita Abadessa no dia 9 de Maio de 1716. Também foi escritvã do mesmo convento				Biblioteca Pública de Évora, <i>Livro das Atas: que para o convento de N.ª S.ª da Graça da Villa do Torrão deixou o S[enhor] Manoel Guerreyro de Britto</i>
1741-08-16 a 1741-12-06		Breve Apostólico a favor de Joana de Matos, recolhida no Mosteiro para ficar e permanecer como secular Comissão de Provisor: Frei Jerónimo de São José; Notário Apostólico: Padre Manuel Batista de Carvalho; Comissão para Vigário da Vara do Torrão: Francisco Lopes Godinho; Escrivão de seu cargo: Padre João Dias Leal	[fl. 17v] Soror Maria [Jacinta] da Encarnação	[fl. 17v] Soror Maria B[aptista] [...]. Thereza			Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 0001
1743-08-02 a 1743-08-16	14. D. Frei Miguel de Távora (1741-1759)	Breve Apostólico a favor de Teresa Antónia Parreira, para entrar como educanda Comissão de Provisor: Frei Jerónimo de São José; Notário Apostólico: Beneficiado Inácio Rodrigues Vieira; Comissão para Vigário da Vara do Torrão: Francisco Lopes Godinho; Escrivão de seu cargo: Padre João Dias Leal	[fl. 12v] Soror Maria [Jacinta] da Encarnação	[fl. 12v] Soror Maria B[aptista] ..... Thereza		Teresa Antónia Parreira, educanda, natural de São Mamede do Sadão, filha de António Parreira e de Joana Batista	Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 0002
1744-02-06 a 1744-03-03		Primeiras Leis e determinações feitas para o convento por ordem do Arcebispo de Évora D. Frei Miguel de Távora, Arcebispo de Évora					Biblioteca Pública de Évora, <i>Livro das Atas: que para o convento de N.ª S.ª da Graça da Villa do Torrão deixou o S[enhor] Manoel Guerreyro de Britto</i>
1744-11-27 a 1745-02-22		Indulto Apostólico a favor de D. Mariana Rita Mascarenhas de Carvalho, para entrar na clausura como educanda durante seis anos, usando hábito secular Comissão de Provisor: Vigário Geral Dr. Dionísio Gonçalves Galvão; Notário Apostólico: Beneficiado Inácio Rodrigues; Comissão para Vigário da Vara do Torrão: Reverendo Francisco Lopes Godinho; Escrivão de seu cargo: Padre João Dias Leal	[fl. 12] Soror Maria Umbilina de Bernardo (1744-12-22)	[fl. 12] Madre Isabel Jacinta de S. [Teresa], escritvã (1744-12-22)		D. Mariana Rita Mascarenhas de Carvalho	Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 0003

Continua na página seguinte

**TABELA 3 – Mosteiro / Convento de Nossa Senhora da Graça do Torrão** [continuação]

Ano	Arcebispo de Évora	Visitador e outras entidades	Abadessa	Escrivã	Freira	Educandas e criadas	Fontes e Bibliografia
1747-08-08		Segundas Leis e determinações feitas para o convento por ordem do Arcebispo de Évora					Biblioteca Pública de Évora, <i>Livro das Atas: que para o convento de N.ª S.ª da Graça da Villa do Torrão deixou o S[enhor] Manoel Guerreiro de Britto</i>
1750-07-26		Mais Determinações que fez o Arcebispo de Évora para este convento e eleição da Abadessa					<i>Idem</i>
1753-11-26		Mais Atas e determinações e eleição da Abadessa					<i>Idem</i>
		D. Frei Miguel de Távora, Arcebispo de Évora	Madre Josefa da Glória, eleita abadessa em 1750-07-26				
		D. Frei Miguel de Távora, Arcebispo de Évora	Foram eleitas, em 1753-11-26: Abadessa, Madre Francisca Maria do Pilar; Vigária do Convento, Madre Maria do Sacramento; Mestra das Noviças, Madre Maria do Nascimento				
<b>Reinado – D. José (1750-07-31 a 1777-02-24)</b>							
1756-09-16 a 1756-10-04		Breve Apostólico a favor de D. Mariana Rita Mascarenhas de Carvalho, para permanecer mais seis anos					
		Comissão de Provisor: Bispo de Tipasa, Frei Jerónimo de São José; Notário Apostólico: Beneficiado Inácio Rodrigues Vieira; Comissão para Vigário da Vara do Torrão: Reverendo Gaspar do Couto Guerreiro; Escrivão de seu cargo: Padre João dos Santos Salgado	[fl. 19v] Soror Thereza do Pilar	[fl. 19v] Soror Isabel da Anunciada		D. Mariana Rita Mascarenhas de Carvalho	Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 0004
1756-12-15		Mais Leis e Atas para o Convento e eleição da Abadessa					
		D. Frei Miguel de Távora, Arcebispo de Évora	Abadessa: Madre Perpetua do Céu	Madre Josefa da Conceição tinha casa sem grades			Biblioteca Pública de Évora, <i>Livro das Atas: que para o convento de N.ª S.ª da Graça da Villa do Torrão deixou o S[enhor] Manoel Guerreiro de Britto</i>
1757-02-14 a 1757-04-01		Breve Apostólico a favor de Joana Joaquina Rosa e Ana Joaquina Lemos, para entrarem e permanecerem em hábito secular					
		Comissão de Provisor: Bispo de Tipasa, Frei Jerónimo de São José; Notário Apostólico: Beneficiado Inácio Rodrigues Vieira; Comissão para Vigário da Vara do Torrão: Reverendo Gaspar do Couto Guerreiro; Escrivão de seu cargo: Padre João dos Santos Salgado	[fl. 22v] Soror Perpetua do Ceo	[fl. 22v] Soror Anna do Apocalypce		Joana Joaquina Rosa e Ana Joaquina Lemos, ambas filhas de António Gomes Durão e de Margarida Inácia de Lemos	Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 0005

Continua na página seguinte

TABELA 3 – Mosteiro / Convento de Nossa Senhora da Graça do Torrão [continuação]

Ano	Arcebispo de Évora	Visitador e outras entidades	Abadessa	Escrivã	Freira	Educandas e criadas	Fontes e Bibliografia
1757-05-06 a 1759-09-12		Breve Apostólico a favor da Madre Soror Maria da Assunção, religiosa de véu preto, para ter como criada Catarina Josefa de São José					
		Comissão de Provisor: Vigário Geral, Dr. Francisco Martins Palma; Notário Apostólico: Beneficiado Inácio Rodrigues Vieira; Comissão para Vigário da Vara do Torrão: Reverendo Gaspar do Couto Guerreiro; Escrivão de seu cargo: Padre João dos Santos Salgado	Soror Perpetua do Ceo (documento datado de 1759-08-25)	Soror Anna do Apocalypce (documento datado de 1759-08-25)	Madre Soror Maria da Assunção, religiosa de véu preto	Criada, Catharina Josefa de São José, filha de Simão Rodrigues e de Maria da Costa.	Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 0006
1759-03-09 a 1759-03-24		Breve Apostólico a favor de Catarina Teodora Cordeiro, para entrar como educanda					
		Comissão de Provisor: Bispo de Tipassa, Frei Jerónimo de São José; Notário Apostólico: Beneficiado Inácio Rodrigues Vieira; Comissão para Vigário da Vara do Torrão: Reverendo Gaspar do Couto Guerreiro; Escrivão de seu cargo: Padre João dos Santos Salgado				Catarina Teodora Cordeiro, educanda	Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 0007
1760-02-29	15. Cardeal D. João Cosme da Cunha (1760-1783)	Decreto Apostólico a favor de Joaquina Inácia Matilde, para entrar na clausura a título de educanda					
		<i>Idem</i>				Joaquina Inácia Matilde, filha de João Batista Vinagre e de Graça Franca	Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 0008
1763-05-02		Atas de Visitação ao convento pelo Bispo de Tessalonica					
		Visitador: D. Vicente da Gama Leal, Bispo de Tessalonica e futuro do Bispado do Rio de Janeiro	Abadessa: Soror Maria da Purificaçam	Escrivã: Soror Ignacia da Gloria			Biblioteca Pública de Évora, <i>Livro das Atas: que para o convento de N.º S.ª da Graça da Villa do Torrão deixou o S[enhor] Manoel Guerreiro de Britto</i>
1763-05-25 a 1763-06-14		Sentença Apostólica a favor da Madre Maria da Assunção, Religiosa de Véu Preto, para ter como criada Vicência Maria					
		Comissão de Provisor: Dr. Desembargador, Dr. Francisco Martins Palma; Notário Apostólico: Beneficiado Inácio Rodrigues Vieira; Comissão para Vigário da Vara do Torrão: Reverendo Gaspar do Couto Guerreiro; Escrivão de seu cargo: Padre João dos Santos Salgado	[14v] Soror Maria da Purificaçam (1763-05-30)	[14v] Soror Ignacia da Gloria (1763-05-30)	Madre Maria da Assunção, religiosa de véu preto	Criada: Vicência Maria, filha de José Rodrigues e de Faustina de São José, naturais do Torrão	Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 0009

Continua na página seguinte

TABELA 3 – Mosteiro / Convento de Nossa Senhora da Graça do Torrão [continuação]

Ano	Arcebispo de Évora	Visitador e outras entidades	Abadessa	Escrivã	Freira	Educandas e criadas	Fontes e Bibliografia
1763-06-01 a 1763-06-18		Diligências e autos de perguntas a favor de D. Antónia Inácia da Mota, com o nome religioso de Ana do Menino de Jesus					
		Comissão de Provisor: Bispo de Thesalonia, Dom Vicente da Gama Leal; Escrivão da Câmara Eclesiástica: Padre Nicolau da Silveira; Comissão para Vigário da Vara do Torrão: Reverendo Gaspar do Couto Guerreiro; Escrivão de seu cargo: Padre João dos Santos Salgado; Certidão de batismo autenticada com o selo do Dr. Henrique Henriques da Maia			D. Antónia Inácia da Mota, com o nome religioso de Ana do Menino de Jesus, filha do Capitão João Martins da Mota e de D. Maria Inácia da Silva		Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 00010
1766-05-11		Visitação e mais atas para o convento. Eleição da abadessa					
		Visitador: D. Vicente da Gama Leal, Bispo de Tessalónica e futuro do Bispado do Rio de Janeiro	Não diz o nome dela				Biblioteca Pública de Évora, <i>Livro das Atas: que para o convento de N.ª S.ª da Graça da Villa do Torrão deixou o S[enhor] Manoel Guerreiro de Britto</i>
1766-07-29 a 1767-07-13		Diligências e autos de perguntas a favor de Fortunata Posidónia, com o nome religioso de Fortunata de Santa Ana					
		Comissão de Provisor: Bispo de Thesalonia, Dom Vicente da Gama Leal; Escrivão da Câmara Eclesiástica: Padre Nicolau da Silveira; Comissão para Vigário da Vara do Torrão: Reverendo Padre Manuel de Mira Borralho; Escrivão de seu cargo: Padre Luís António Cordeiro; Certidão de batismo autenticada com o selo do Dr. Henrique Henriques da Maia			Fortunata Posidónia, com o nome religioso de Fortunata de Santa Ana, filha de Ana Inácia. Na certidão de batismo registada no livro da freguesia de Santa Catarina de Monte Sinai, Lisboa, passada por António Carlos de Oliveira, é referido que ela é de pais incógnitos		Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 00011
1767-05-04 a 1767-06-05		Diligências e autos de perguntas a favor de D. Inácia Teresa de Melo, com o nome religioso de Soror Engrácia Joaquina					
		Comissão de Provisor: Bispo de Thesalonia, Dom Vicente da Gama Leal; Escrivão da Câmara Eclesiástica: Padre Nicolau da Silveira; Comissão para Vigário da Vara do Torrão: Reverendo Gaspar do Couto Guerreiro; Escrivão de seu cargo: Padre João dos Santos Salgado	[fl. 8] Soror Thereza Xavier (1767-06-04)	[fl. 8] Soror Maria do Ceo (1767-06-04)	D. Inácia Teresa de Melo, com o nome religioso de Soror Engrácia Joaquina, filha de Luís da Costa Campos e de D. Rosa de Viterbo da Sandes	[fl. 10] Mestra das Noviças: Soror Thereza do Pilar (1767-06-04)	Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 00012
1767-11-07 a 1767-11-10		Diligências e autos de perguntas a favor de Teresa Benedita					
		Comissão de Provisor: D. Inácio Murteira de Fontes; Escrivão da Câmara Eclesiástica: Padre Nicolau da Silveira; Comissão para Vigário da Vara do Torrão: Reverendo Padre Manuel de Mira Borralho; Escrivão de seu cargo: Padre Luís António Cordeiro	[Soror Thereza Xavier]	Soror Maria do Ceo	Soror Thereza Benedita, noviça, filha do Sargento-Mor João da Veiga de Gusmão e de D. Maria Joaquina da Palma		Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 00013

Continua na página seguinte

TABELA 3 – Mosteiro / Convento de Nossa Senhora da Graça do Torrão [continuação]

Ano	Arcebispo de Évora	Visitador e outras entidades	Abadessa	Escrivã	Freira	Educandas e criadas	Fontes e Bibliografia
1768-10-06 a 1768-10-14		Diligências e autos de perguntas a favor de Maria Inácia do Menino Jesus, com o nome religioso de Soror Maria do Lado de Deus					
		Comissão de Provisor: D. Inácio Murteira de Fontes; Escrivão da Câmara Eclesiástica: Padre Nicolau da Silveira; Comissão para Vigário da Vara do Torrão: Reverendo Padre Luís da Rocha Bocarro Pimenta; Escrivão de seu cargo: Padre Luís António Cordeiro	[fl. 6] Soror Thereza Xavier	[fl.6] Soror Maria do Ceo	Maria Inácia do Menino Jesus, com o nome religioso de Soror Maria do Lado de Deus, filha de João da Mota e de Ana Maria	[fl. 7] Mestra das Noviças: Soror Thereza do Pilar (1768-08-12)	Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 00014
1769-06-20		Mais determinações e últimas para o convento					
		Bispo de Thesalonia, Dom Vicente da Gama Leal	Documento passado em Évora e último das visitas ao convento do Torrão				Biblioteca Pública de Évora, Livro das Atas: que para o convento de N.ª S.ª da Graça da Villa do Torrão deixou o S[enhor] Manoel Guerreyro de Britto
<b>Reinado – D. Maria I (1777-03-24 a 1816-03-20)</b>							
1784-11-06	16. D. Joaquim Xavier Botelho de Lima (1784-1800)	Licença Apostólica e Real Beneplácito, para continuar fora da clausura e para continuar os seus tratamentos, a favor de D. Teresa Benedita de Gusmão					
		O Visconde de Vila Nova de Cerveira redigiu a carta em nome da religiosa para solicitar merce Régia, a que juntou breve do Núncio Apostólico em Portugal			Esta freira era natural de Sines. Por essa razão, solicitou permissão e mercê régia para ficar com a família, para se curar de um cancro de que padecia		Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 00015
1790-03-02		Autos de apresentação, a fim de professar no Convento de N.ª S.ª da Graça do Torrão, de Margarida Clara					
			Abadessa: Soror Maria Jacinta da Purificação	Escrivã: Soror Maria do Lado de Jesus	Noviça, Margarida Clara, filha de Filipe José e de Joaquina Antónia de Oliveira. Outras freiras que faziam parte do governo do convento, para além da abadessa e da escritvã: Soror Izabel Luzia da Anunciada M[adre] da [ordem]; Soror Marianna [...] de S[anta] Clara M[adre] da [ordem]; Soror Izabell Ja[cinta] de [S. Teresa] M[adre] da [ordem]		Arquivo Distrital de Beja, Câmara Eclesiástica de Beja, Processos - educandas, seculares, noviças e professoras, 0105
1790-04-06		Processo de Maria Bárbara Antónia					
					Noviça, Maria Bárbara Antónia recebe autos de apresentação de uma comissão para professar no convento. É filha de Baltazar Afonso Palma e de Maria Micaela		Arquivo Distrital de Beja, Câmara Eclesiástica de Beja, Processos - educandas, seculares, noviças e professoras, 0106
1790 a 1791 e 1792		Autos de habilitação de D. Rosa Maria da Exaltação de Santa Cruz					
					Cónjuge: José Peres da Silva. Casada na cidade do Pará, regressou a Portugal, onde o marido a deixou recolhida no Convento de N.ª Sr.ª da Graça do Torrão, Província do Alentejo,		Arquivo Nacional da Torre do Tombo, TT, Juízo da Índia e Mina. Brasil.

Continua na página seguinte

**TABELA 3 – Mosteiro / Convento de Nossa Senhora da Graça do Torrão** [continuação]

Ano	Arcebispo de Évora	Visitador e outras entidades	Abadessa	Escrivã	Freira	Educandas e criadas	Fontes e Bibliografia
					tendo voltado para o Brasil. A ação prende-se com a herança do marido, falecido no Pará, Brasil. O processo correu pelo cartório do escrivão Francisco da Silva Braga. Em 1792 já se encontrava recolhida no convento, mercê de um decreto real.		
1793-10-03		Processo de Gertrudes da Rocha Pires			Religiosa professa no Mosteiro de N.ª Sr.ª da Assunção de Moura, tem autos de um Breve para passar tempo indeterminado no convento do Torrão		Arquivo Distrital de Beja, Câmara Eclesiástica de Beja, Processos - educandas, seculares, noviças e professoras, 0077
1794-04-07		Processo de Margarida Clara de Oliveira Sanches			Madre: Margarida Clara de Oliveira Sanches. Contém autos de justificação		Arquivo Distrital de Beja, Câmara Eclesiástica de Beja, Processos - educandas, seculares, noviças e professoras, 0107
1799-01-26		Processo de Maria Catarina da Purificação Cansado			Noviça: Maria Catarina da Purificação Cansado. Contém autos das perguntas religiosas		Arquivo Distrital de Beja, Câmara Eclesiástica de Beja, Processos - educandas, seculares, noviças e professoras, 0108
1806-06-09	17. D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas (1802-1814)	Processo de D. Joaquina Bárbara de Paiva Raposo			Noviça: D. Joaquina Bárbara de Paiva Raposo. Contém Breve Apostólico		Arquivo Distrital de Beja, Câmara Eclesiástica de Beja, Processos - educandas, seculares, noviças e professoras, 0109
1807-11-29		Legados Pios a favor das religiosas do Convento			Contém Autos de Breve Apostólico de redução de encargos a favor da abadessa e mais religiosas		Arquivo Distrital de Beja, Câmara Eclesiástica de Beja, Processos - educandas, seculares, noviças e professoras, 0064
1813-06-10 a 1813-06-19		Processo de D. Catarina do Menino Jesus			Contém autos de Breve Apostólico e de um requerimento de D. Catarina do Menino Jesus		Arquivo Distrital de Beja, Câmara Eclesiástica de Beja, Processos - educandas, seculares, noviças e professoras, 0110
1813-09-07 a 1814-01-05		Breve Apostólico e Real Beneplácito a favor de D. Catarina Violante do Menino Jesus, para ter como criada Maria do Carmo					
		Termo da aceitação do Breve e da justificação das premissas: Provisor e Vigário Geral, Dr. António José de Oliveira; Notário Apostólico: Padre Ângelo Pio Agostinho Fazenda	[fl 9] Soror Catarina Claudia da [Consolação]	[fl.9] Soror Joaquina Barbara da Vizitação Pais Rapozo	D. Catarina Violante do Menino Jesus	Criada: Maria do Carmo, filha de Francisco Gomes e de Maria das Mercês Polida	Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 00016

Continua na página seguinte

TABELA 3 – Mosteiro / Convento de Nossa Senhora da Graça do Torrão [continuação]

Ano	Arcebispo de Évora	Visitador e outras entidades	Abadessa	Escrivã	Freira	Educandas e criadas	Fontes e Bibliografia
1814-06-25 a 1814-10-08		Breve Apostólico a favor de Agostinha Mónica do Bom Sucesso, para ter como criada Maria dos Prazeres					
		Termo da aceitação do Breve e da justificação das premissas: Provisor e Vigário Geral, Dr. António José de Oliveira; Notário Apostólico: Padre Ângelo Pio Agostinho Fazenda; Comissão para Vigário da Vara do Torrão: Reverendo Padre António Joaquim Castão Farto; Escrivão de seu cargo: António da Costa Andrade	[fl. 14] Soror Catarina da Purificação Cansada	[fl. 14] Soror Maria Lucia [Preciosa] do Ceo	Agostinha Mónica do Bom Sucesso	Criada: Maria dos Prazeres	Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 00017
1814-06-25 a 1814-10-08		Breve Apostólico de suplemento de idade para se poder professar, a favor de Agostinha Mónica do Bom Sucesso, com 18 anos de idade					
		<i>Idem</i>	<i>Idem</i>	<i>Idem</i>	<i>Idem</i>		Arquivo Distrital Évora, Mosteiro N S da Graça do Torrão, 00018
<b>Reinado – D. João VI (1816-03-20 a 1826-03-10)</b>							
1818-04-20	18. D. Frei Joaquim de Santa Clara Brandão (1816-1818)	Processo de Cecília Maria			Autos de escrito Apostólico para entrar com hábito secular no convento		Arquivo Distrital de Beja, Câmara Eclesiástica de Beja, Processos - educandas, seculares, noviças e professoras, 0111
1820-01-25	19. D. Frei Patrício da Silva (1819-1825)	Processo de Ana Tomásia do Amor Divino			Autos de perguntas a Ana Tomásia do Amor Divino		Arquivo Distrital de Beja, Câmara Eclesiástica de Beja, Processos - educandas, seculares, noviças e professoras, 0112
		20. D. Frei Fortunato de São Boaventura (1832-1844)					
<b>Reinado – D. Pedro IV (1826-03-10 a 1826-05-28)</b>							
<b>Reinado – D. Miguel (1828-07-11 a 1834-05-26)</b>							
<b>Reinado – D. Maria II (1834-05-26 a 1853-11-15)</b>							
<b>Reinado – D. Pedro V (1853-11-15 a 1861-11-11)</b>							
1859-08-20 a 1859-09-10	21. D. Francisco da Mãe dos Homens Anes de Carvalho (1846-1859)	Descrição do Convento de N.ª Sr.ª da Graça do Torrão e casas anexas					
		Documento elaborado pelo Presidente da Comarca de Beja, Ladislau Xavier. Escrivão: José d'Oliveira Soares	Soror Francisca Dionísia do Carmo, também vigária do convento eleita em capítulo				Arquivo Torre do Tombo, Processo de extinção do Convento de N.ª S.ª da Graça

Continua na página seguinte

TABELA 3 – Mosteiro / Convento de Nossa Senhora da Graça do Torrão [conclusão]

Ano	Arcebispo de Évora	Visitador e outras entidades	Abadessa	Escrivã	Freira	Educandas e criadas	Fontes e Bibliografia
<b>Reinado – D. Luís (1861-11-11 a 1889-10-19)</b>							
		22. D. José António da Mata e Silva (1860-1869)					
1882-09-13 ou 20	23. D. José António Pereira Bilhano (1870-1890)	Morte da última freira e extinção oficial do convento Escrivão da fazenda: José Moreira de Sousa Junior, entre outros, fez o inventário dos vasos sagrados, paramentos, etc.	Morte da última religiosa do convento, a madre D. Francisca Dionísia do Carmo, pelo que o convento foi oficialmente suprimido nesse mês				Arquivo Torre do Tombo, Processo de extinção do Convento de N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> da Graça
1894-12-18	24. D. Augusto Eduardo Nunes (1891-1920)	Venda do Convento O Convento foi arrematado a Manuel de Moura por 500.000 réis, incluindo a igreja, a cerca, duas moradas de casas dentro de um pátio e cerca pequena					<i>Idem</i>
1898		Propriedades pertencentes ao convento que foram vendidas a particulares Pertenciam a este convento a herdade de Vale de Gaio, comprada por Manuel José Gil dos Reis Carneiro, e a Herdade do Olival, comprada por Maria Gil dos Reis Carneiro, ambas localizadas na Freguesia do Torrão					Arquivo Histórico do Município de Alcácer do Sal, Comarca de Alcácer do Sal, Livro de Registos de Articulados e Sentenças. Cartório do 2º Ofício (1898 a 1900)

FIG. 10 – As “suítes” das freiras do convento em meados do século XIX, vistas desde o interior da cerca nova.



LEITURA DA LÁPIDE EXISTENTE NA CAPELA-MOR DA IGREJA CONVENTUAL DE N.ª SR.ª DA GRAÇA DO TORRÃO

S[en]do D[out]or Fr Simão Soares de Carvalho, o foi Comendador da Ordem de Christo, fidalgo da Casa de Sua Mag[estad]e, do seu Cons[elh]o, seu Desembarg[ad]or, do Paço i vntam[en]te, conselheiro de sua Real Faz[en]da, eivis da sivstificações dela: F[icou], na Corte de Madrid servindo de conselheiro a sua Mag[estad]e, no cons[elh]o de Portugal, o[nde] [falecera] rezide aos 13 das do mes de Fev[er]ei[ro], do ano de 1631; foi seu corpo depoz[ita]do no cap[itoll]o do Colecio Imperial da Companhia de Jesus, e dahi tresladada da sua ossada no ano de 1633 p[ar]a esta sua cap[ell]a, da invocação das Chagas de Chr[ist]o aos 22 dias do mês de out[ubr]o de cvio padroado foi fundador e della serão padroeiros os [seus] successores no morguado, q[ue] institvio co[m] obrigação de missa quotidia[n]a e mo[i]to o m[un]do durare a missa conventual deste moest[ei]ro sera a q[ue] cada dia se celebrar por aobrigação desta cap[ell]a ora seia rezada ora cantada a qual dirá na d[i]ta cap[ell]a o cappellão q[ue] os d[i]tos succedores presentarem e o sera das d[i]tas religiosas p[ar]a dizer a d[i]ta missa na hora ordenada por sua regra, e no fim sairá co[m] a agva benta e responso rezado, ov cantado conforme se dicer a missa sobre sua S[en]hor[a], P[ar]a o q[ue], e p[ar]a a fabrica e repairo da d[i]ta cap[ell]a estão obrigvadas as rendas do d[i]to morguado q[ue] por extincção da geração dos chamados a edefica a este Moest[ei]ro co[m] as obrigações na instituição dele declaradas.



FIG. 11 – A lápide tal como se apresenta nos dias de hoje.

DOCUMENTO 1

Arquivo da Torre do Tombo. Gavetas. Gav. 5, mç 1, n.º 12  
 “Rol das Igrejas e Benefícios que tinha a Ordem de Santiago”<sup>29</sup>  
 (efetuado em 1560)

[fl. 1] Rol dos benefícios do mestrado de santiago %

[fl. 1v] Alcacer do sal %

Nosa snrã do Castello<sup>30</sup>, oyto benefícios % biij<sup>31</sup>

**toRão**<sup>32</sup>

Nosa snrã<sup>33</sup>, dous benefícios % ij<sup>34</sup>

[fl. 3] Rol das Capellas Curadas do Mestrado de santiago %

[fl. 3] Alcacer do sall % bij<sup>35</sup>

Sã Martinho em palma %

Sãta susana na lapega<sup>36</sup> %

Sãta Caterina em sytimos %

Nossa srã dos Reis %<sup>37</sup>

Sãta Mª do môte em vall de viso %<sup>38</sup>

São Romão em çadão %

Sã Mamede em çadão %

<sup>29</sup> Transcrevemos os elementos alusivos ao Município do Torrão, a que juntamos os referentes ao Município de Alcácer do Sal, de forma a comparar duas realidades próximas mas diferentes entre si. Procurámos manter a grafia original.

<sup>30</sup> Igreja matriz de Alcácer do Sal, localizada dentro do castelo.

<sup>31</sup> “Bij”, significa oito (8).

<sup>32</sup> Torrão.

<sup>33</sup> Igreja matriz do Torrão.

<sup>34</sup> Significa dois (2).

<sup>35</sup> Significa sete (7).

<sup>36</sup> Topónimo que remonta documentalmente ao século XIII. Atualmente denomina-se Herdade da Lapa.

<sup>37</sup> Localizada na Herdade de Vale de Reis, a Norte de Alcácer do Sal.

<sup>38</sup> Igreja de N.ª Sr.ª do Monte, em Vale de Guizo. No século XIII denominava-se Igreja de Santa Maria do Monte.

[fl. 3v] **toRão ij**<sup>39</sup>  
 Santa M<sup>a</sup> Madalena %<sup>40</sup>  
 São estevão %<sup>41</sup>

[fl. 5] *Rol das Ermidas do mestrado de santiago.*

[fl. 5v] **Alcacer do sal Xiiij**<sup>42</sup>

Santiago %  
 Sãta M<sup>a</sup> da Consolação %  
 Nossa snrã dos martyres %  
 Sã pedro %  
 Sã johaõ %  
 Sã Vicente %  
 Sã Roque %  
 Sã sebastião %  
 Sã lazaro %  
 Sãta Ana %  
 Sã bras %  
 Sãta luzia %  
 O esp[irit]o sãto. Hospitall %  
 A Mi[sericordi]a %



FIG. 12 – A neve no interior do claustro do Convento de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Graça do Torrão, em 1954.

**toRão bij**<sup>43</sup>  
 sã johão Bautista %<sup>44</sup>  
 sã sebastião %<sup>45</sup>  
 sã frausto %  
 sã Roque %  
 sãntiago na Rib de Odivelas %  
 O esp[irit]o sãto hospital %<sup>46</sup>  
 A Mi[sericordi]a %<sup>47</sup>

<sup>39</sup> Significa dois (2).

<sup>40</sup> Atualmente Santa Margarida do Sado. Antiga freguesia do Município do Torrão, nos dias de hoje faz parte do Concelho de Ferreira do Alentejo.

<sup>41</sup> Corresponde à igreja matriz da aldeia de Odivelas. Antiga freguesia do Município do Torrão, integra hoje o Concelho de Ferreira do Alentejo.

<sup>42</sup> “Xiiij” significa catorze (14).

<sup>43</sup> “bij” significa sete (7).

<sup>44</sup> Ermida de São João dos Azinhais, nas margens da albufeira da barragem do Vale de Gaio.

<sup>45</sup> Foi demolida, em parte, para dar lugar à igreja do convento de Santo António do Torrão.

<sup>46</sup> Conhecida como igreja da Misericórdia ou de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Albergaria.

<sup>47</sup> Atualmente transformada em Pólo da Biblioteca Municipal.

## DOCUMENTO 2<sup>48</sup>

Arquivo da Torre do Tombo. Torrão. Liv. 8, fl. 184,

“Irmandade dos Remédios dos Homens pardos”

“Out. 1604: Provisão para poderem mudar a imagem de N. Sr.<sup>a</sup> dos Remedios do convento das freiras para a igreja Matriz da dita villa”

“Dom Felipe, etc, como governador, etc, faço saber que avendo respeito ao q na petição atraz dizem os homés pardos moradores na villa de torrão e visto o q aleguá e a informação q sobre seu requerimento se ouve do juiz da dita ordem na comarqua da dita villa, É por bem e me praz que a imagem de nossa senhora dos Remedios que elles tem no mosteiro das freiras da dita villa a possão levar livremente para a igreja matriz da dita villa e nella perpetuarem sua confraria e fazerem seu compremico (sic) aonde poderão melhor e mais acomodadamente situar e adeministrar sua confraria pelo assi sentir servico de nosso senhor e bem // e aumento della. Pelo que mando ao prior da dita igreja matriz e a todas as mais pessoas a q. pertemcer cumpraõ e guardem esta



FIG. 13 – Aspecto atual dos claustros, vendo-se a Torre-Mirante e corpo da igreja anexa.

provisão inteiramente como se nella contem. [...] Manuel de Paiva Candosse a fez em Lisboa a oito de outubro de 1604”

<sup>48</sup> Fonte publicada por LAHON, 2012: 81, nota n.º 57.

## DOCUMENTO 3

CARDOSO, J. (1657) – *Agiológico Lusitano*, Tomo II, fls. 346-347.  
 “História e Lenda da Fundação do Convento de Nossa Senhora da Graça do Torrão (28 de Março)”

E já que referimos a fundação do Carmo de Évora, e bem que não saíamos de seu Arcebispado, sem fazermos o mesmo do de N. Senhora da Graça do Torrão, ainda que seja de diversas religiões, e sexos. Fica este [convento] dentro naquela vila, sete léguas ao Meio-Dia da cidade (de Évora). Edificou-se sobre certo casório de uma nobre matrona, chamada Britis Pinta, que o foi muito mais por sua honestidade, e recolhimento (no) ano (de) 1560, de licença del Rei D. Sebastião, debaixo da invocação de S. Marta. Por cuja morte, outra matrona, parenta sua muito chegada, por nome Maria Pinta, se recolheu a ele, com suas criadas, e algumas donzelas da terra, as quais gastavam o tempo com singular louvor em actos de exemplares mortificações, e virtudes.

Neste começo sucedeu que a serva de Deus Maria da Cruz (de quem no texto falamos) sendo dama da Infanta D. Maria, pediu ao céu com instância lhe manifestasse como melhor poderia agradar a Christo seu esposo. Eis que estando uma noite à janela do Paço, que caía sobre o jardim, se lhe afigurou que um cavaleiro entrava no tanque, que ali havia, dividindo a água com o coto da lança: e como diferença, e bem entendida, julgou da visão a pouca firmeza, e permanência desta vida. Outro dia estando na mesma janela contemplando nos perduráveis bens da eterna, ouviu dizer: - Não te agastes, que por teu meio se há de fazer um muito religioso convento. E ficando transportada, passou uma ave tão branca como a neve, que lhe disse: - No Torrão. E como nada se move sem a vontade divina, inspirou Deus neste tempo a Leonor de Jesus, Velleira deste Recolhimento, que viesse a Lisboa pedir esmola à

dita Infanta, a qual (como curiosa, e devota) estando-se informando dos procedimentos de suas habitadoras, chegando neste começo Maria da Cruz, julgando do que ouvia, que esta era sua vocação, lhe declarou logo as misteriosas visões, com que (sem dificuldade) alcançou licença para deixar o mundo. Despida então do secular traje, e vestida do humilde fardo, se foi com a Velleira para o dito Recolhimento, onde foi muito festejada de Maria Pinta, e mais companheiras. E logo com a esmola da Infanta se fez dormitório, e comprou renda (ainda que pouca) com que passarão algum tempo debaixo da Terceira regra; e querendo elas dar obediência à Província dos Algarves, o não consentirão seus Prelados. O que sabido de D. Theotonio de Bragança (então Arcebispo d'Évora) as aceitou, com licença del Rei. E do reformado convento do Salvador da mesma cidade, levou para fundadoras a cinco de Fevereiro de 1599, as Madres Margarida de S. Marta, e Maria da Conceição, religiosas de grande espírito, que tinham ido de S. Marta de Lisboa. E com tal observância obrarão, que nenhuma (ainda hoje/1650) fala mais que o (seus) pais, em presença de duas escutas, as cartas que lhe mandão são primeiro lidas pelas preladas, as penitencias são de cada hora, e as mortificações perpetuas. Sobre estes altos fundamentos se edificou o sólido edificio desta santa casa, resplandecendo nas virtudes (como diamante entre as mais preciosas pedras) a boa velha Maria da Cruz, que morreu em quinta-feira santa, ano 1623, com 109 anos de idade. Tudo o referido é tirado de seu cartório, e de uma relação verdadeira, que por meio do Chandre de Évora Manoel Serafim de Faria se nos comunicou.”

## DOCUMENTO 4

ASCULANO, P. F. Cajetano Michelesio e PLACENTIA, R. P.  
 Bonaventura (1794) – *Annales Minorum Seu Trium Ordinum a S. Francisco Institutorum*[...], fls. 249-250.

“<sup>49</sup> [fl. 249] XXXVIII. *Beatrix Pinta ingenua, nobilisque Mulier innupta hoc ano a Rege Sebastiano indultm accepit, ut Oratorium privatum, in quo una cum aliis piis feminis Divino cultui vacabat, ad Ecclesiae formam sub titulo S. Marthae redigeret. Regularem Observantiam paullo post illuc induxit Maria a Cruce Ancilla Mariae filiae Regis Emmanuelis, quae Deum pro salute animae suae quadam nocte ardentius deprecata, vidit a senestra Aulae Regiae Equitem, qui aquas aba quis propesta* [fl. 250] *fiagnum Viridarii lancea dividebat. Hinc dixit:* <sup>50</sup> *O quam instabilis estrerum mundanarum securitas!* <sup>51</sup>

*Altera nocte in eadem fenestra vocem sibi dicentem audivit. Neli vexari; adhuc enim erit occasio, ut religiosissimum erigatur Monasterium. Sensibus suspensa recogitabat animo quomodo id fieret; quum ecce intuita est candidam avem circum volitantem, & dicentem: Torram* <sup>52</sup>. *Nonnullis post diebus Ulysiponem advenit Leonora a*

<sup>49</sup> Ao lado do fólio e correspondendo a esta entrada encontra-se escrito: “*Monumenta citata*”.

<sup>50</sup> Colocamos em negrito o texto que aparece em itálico no referido fólio.

<sup>51</sup> Este símbolo aparece no texto original.

<sup>52</sup> Alusivo à vila do Torrão.



FIG. 14 – Aspecto actual do 1 andar. Em frente o dormitório. Ao canto direito da foto, no nível térreo, os restos do desaparecido refeitório.

*Jesu ancilla Beatricis Pinta eleemosynam petitura a praesara regis emmanuelis filia, quacum secreto colloquuta, anuente domina, Torram ivit, ubi excepta a beatis illis feminis, ex pecunia, quam secum asportavit, dormitorium construxit, quod hodie est Monasterii Valetudinarium, redditusque annuos ad victum disposuit, & suppellectile ecclesiam ditavit. Inicio regulam S. Clarae amplecti volebant, & in obedientia Provinciae Algarbiorum vivere, Francisco de Portiuncula<sup>53</sup> rem promovere. Verum rejectae ob reddituum penuriam, & angusta aedificia, Tertio Ordini nomen dederunt, easque in clientelam recepit Theotonius de Brigantia<sup>54</sup> archiepiscopus Eborensis, qui illis sociavit Margaritam a S. Martha, & Mariam a Conceptione professas in Monasterio ulyssiponensis S. Marthae. Locum illustravit, praeter mox relatas, Francisca de Plagis, quae a Domino petens, ut vehementissimis cruciatibus apta foret fustinendis, haec caelitus audivit: Filia, fiet tibi, sicut petiisti; & non multo post faciem ejus obduxit Cancer, qui ad humerum usque carnem corrosit, ipsaque interim dicebat: Hc sunt delitia, quas mihi Rex gloriae promisit. Ejus animam in columbae specie sursum ascendentem conspexerunt Moniales. Huic accesserunt Clementia a Jesu ante Monasterii constructionem ab infantia inibi enutrita, Marianna ab Assumptione, Maria a Praesepe, Elisabeth a Visitatione, Elisabeth a Matre Dei, Elisabeth a Rosario, Barbara a Conceptione.”*

<sup>53</sup> Do Italiano – *Portiuncula*. Em Português – *Porciúncula*. Este topónimo corresponde a uma pequena igreja que neste momento se encontra no interior da Basílica de Santa Maria dos Anjos, localizada junto à cidade de Assis, em Itália. Significa “pequena porção de terra” e encontra-se mencionado pela primeira vez em 1045. Quanto ao seu sentido, julgamos numa tradução livre: “[Que] de início [as Freiras] abraçaram a Regra de Santa Clara, e obedeciam à Província do Algarve, lavando os seus pecados pré-existentes na aplicação da Indulgência da *Porciúncula*”. Esta indulgência consistia num privilégio do Papa Sisto IV, concedido no dia 5 de agosto de 1480-1481 a todas as igrejas da 1.ª e 2.ª Ordem de São Francisco. A benesse foi alargada pelo Papa Gregório XV, no dia 4 de julho de 1622,

a todos os fiéis que frequentassem as igrejas da Ordem Seráfica. Posteriormente, o Papa Urbano VIII concedeu este privilégio a todas as igrejas da Terceira Ordem Regular, no dia 13 de janeiro de 1643. Com o Papa Clemente X, todas as igrejas conventuais ficaram abrangidas por esta indulgência a partir do dia 3 de outubro de 1670, pelo que fica explicado, em parte, a razão por que alguns fiéis seculares, sempre que possível, gostavam de assistir à missa em igrejas conventuais. Para se aferir da importância desta igreja na vida e obra de São Francisco, parece-nos oportuno lembrar que foi nesta igreja que se instalou pela primeira vez a Ordem dos Frades Menores. Sobre esta questão ver, entre outros, MOONEY, 2006: 313. <sup>54</sup> D. Teotónio, arcebispo de Évora entre 1578 e 1602.

## DOCUMENTO 5

Notas bibliográficas de Freiras Santas que viveram neste mosteiro, no século XVII.

*Sôr Maria da Cruz Franc. (28 de Março)*

*Em N. Senhora da Graça do Torrão, Arcebispado de Évora, o falecimento de Sôr Maria da Cruz, origem, e princípio desta religiosa casa. Criou-se ela na da Infanta D. Maria, onde já se levantava às duas horas depois da meia noite a orar, o que continuou consagrada a Deus por voto, levando-lhe a maior parte do dia este louvável, e santo costume, a que juntava estreita pobreza, trazendo hábito de xerga, seguindo as comunidades com austera vida. Nunca usou de medicina, ou cura alguma nas enfermidades, nem por mais doente, que estivesse, comeu carne em festa, ou sábado, mais que o pior, e sobejos das outras, nem sendo velha, (não) consentiu (que) usassem com ela de algum mimo, ou regalo particular. Rezava todos dias o Psalterio pelas almas, e era tão compassiva, que não podia ver matar uma ave, e por isso tinha muito particular cuidado dos gatos, os quais a seguião para onde quer que ia, e no refectório a cercávão. Sucedeu que fazendo a esta serva de Deus, Vigaria da casa, lhe disserão algumas religiosas motejando. Agora sabe V. R. o que há de fazer, ir à mesa travessa, rodeada de gatos. Ela ouviu, e calou. E depois chamadas a todas lhes fez Capitulo, dizendo: – Bem vedes, que para mor de vós me deste autorização, e já disserão, que não era para o cargo, vós vos avisais, que estes três anos não entreis no refectório, e esperais à porta, que eu terei cuidado de vos prover. Foi coisa admirável, e misteriosa, que como se tiverão uso de razão, se abstiveram o triênio, sem entrarem nele, esperando fora que a Madre viesse para lhes dar sua refeição (coisa publica, e notória na dita casa) e acabando o officio, continuarão como dantes. Veio esta santa velha no fim da idade a cair em cama, onde proseguia a mesma vida, que em moça, até que (com santa inveja de suas companheiras) caminhou para os choros Angélicos, a quem todas imitávão, como modelo excelente de virtude, e exemplar de perfeição.*

CARDOSO, J. (1657) – *Agiolôgio Lusitano...*, Tomo II, fls. 339-340.

*Sôr Clemência de Jesus Clarissa (24 de Março)*

*No mesmo dia, em o convento de N. Senhora da Graça do Torrão, Arcebispado d' Évora, o óbito de Sôr Clemência de Jesus, religiosa penitente, & fervorosa na oração, que regava com grande copia de lágrimas, na qual foi vista por vezes, pregar-se ao lugar, onde a exercitava, porque o espírito a levava pelos ares. Persuadida então das companheiras, que lhe declarasse algumas coisas das quais o divino Amante lhe dava a sentir, para mais louvavam, e engrandeceram suas misericórdias, nunca quis, antes molestava a todas, que guardassem*

*silencio, quando fossem tão ditosas, que ele lhes comunicasse semelhantes favores, trazendo por exemplo aquelas palavras de seu Santo Patriarca: secretum meum mihi. Assentada no refectório para comer, debulhava-se primeiro em lágrimas, e perguntando-lhe, porque chorava, respondia: Acho-me indigna de ter lugar na mesa de S. Clara; por ser sua humildade, que tanto a abatia, quando subia pela oração. Chamada para o Sacramento da Penitencia corria a mor pressa, dizendo: Que não queria lhe preferisse ninguém na hora de sua salvação. Finalmente na última doença, por espaço de 18 dias, não levou nada para baixo, e rogada das religiosas, que comesse para poder com o mal, respondia com devoção: Non in solo pane viuit homo; e assim mesmo neles não falava mais que consigo, ouvindo-se-lhe uma vez entre dentes: Inimigo não tens, que fazer comigo, porque as esmolas, que despendi sendo porteira, forão com licença da prelada. E com estas palavras na boca: Sorores sobriæ estote, & vigilate, quia aduersarius vester diabolus, tamquam leo rugies, &c. Acabou, como viveu, com morte santa.*

CARDOSO, J. (1657) – *Agiolôgio Lusitano...*, Tomo II, fls. 304-305.

*Sôr Mariana de Assunção Franciscana (18 de Abril)*

*Neste dia, em N. Senhora da Graça do Torrão, Arcebispado de Évora, deixou de viver Sôr Mariana da Assunção, a qual de muita pouca idade começou a dar mostras, que o soberano Amante a tinha escolhido para sua querida esposa, antecipando-lhe a graça prevenindo o uso da razão, jejuando, e orando perpetuamente, usando de vilíssimo habito pardo com honesto toucado, até que acompanhando a duas irmãs suas, que vinhão ser freiras no dito convento, tanto que abrirão a porta regular, entrou de romaria com elas, contra vontade de seus pais, e dos Prelados, porque era muito achacosa, e doente; mas forão tantas suas lágrimas, e soluços querendo-a logo por na rua, que mandou com censuras o Arcebispo D. Diogo de Sousa (remoto parente seu) que a deixassem ficar até constar a vontade divina. Coisa maravilhosa! De improviso a desamparou a febre, e cobrou perfeita saúde com admiração de todos. Passados alguns meses, querendo a Abadesa lançar-lhe o habito, recresceram duvidas sobre o dote, buscada neste começo para seus pais a levarem para casa, foi achada de joelhos em oração num entre forro, abraçada com um Crucifixo, banhada toda em lágrimas, meio com que elas a acharam-na mais depressa. Vendo-se pois D. Mariana entre as servas de Deus numerada, tratou de as imitar, empregando-se*

em altíssima contemplação, na qual o celestial esposo lhe revelou notáveis segredos. Destes felizes progressos em breve na virtude, por vezes (o) invejoso demônio, pretendeu inquietá-la, para isto se transformava em Anjo da Luz, fazendo-a a sentir em coisas contrárias a sua salvação. E dando ela conta a seus Padres Espirituais, parecendo-lhes que estava iludida, foi examinada por graves, e doutos Teólogos, os quais averiguarão, que tivera vinte e duas revelações verdadeiras, e que nesta somente fora enganada, permitindo assim Deus para mais a humilhar. E porque o negócio andava já na boca da comunidade, a Madre Abadessa (por conselho dos Confessores) lhe deu algumas penitências publicas, como tomar disciplina, servir na cozinha, andar sem chapins (calçada), comer com as serventes, e lavar os pés a todas, o que ela obrava com extraordinária alegria, e contentamento, não fazendo caso das injurias, e afrontas, com que era (sujeita) a toda a hora, mais que responder com sumida voz, quando lhe chamavão endemoniada: Também a meu Senhor Jesus Cristo o chamarão, e a serva não á de ser melhor, que o senhor. Sobrevindo-lhe então um frouxo de sangue á boca, conhecendo daqui a brevidade da vida, pediu o sagrado Viático, e santa Unção, tremendo a casa ao tempo, que se lhe administrou. De que ela com grande serenidade voltada para a Abadessa disse: São traças do inimigo, a quem não temo pela misericórdia divina. Rendidas do sono as religiosas, que lhe assistirão, na madrugada do Sábado santo, bradou tão alto, que lhe dessem a candeia, que se ouviu no dormitório, e acudindo-lhe, repetiu o Credo pausadamente, e nas ultimas palavras.

– *Et vitam aeternam Ame(m)*; foi gozar dela para sempre, em companhia das santas Virgens da Ordem.

CARDOSO, J. (1657) – *Agiolégio Lusitano...*, Tomo II, fls. 628-629.

### **Sòr Francisca das Chagas Menorita (2 de Maio)**

No Convento de N. Senhora da Graça do Torrão, a saudosa memória da Madre Francisca das Chagas, que de menina se entregou toda à virtude, padecendo logo gravíssimas tentações, maquinadas pelo inferno, das quais (ajudada do braço Superior) saia sempre vitoriosa. Era tão aplicada à oração, e meditação, que gastava nela dias, e noites inteiras sem o sentir, com tão copiosos mares de lágrimas, que correndo em fio de seus olhos, banharão o lugar em que premeditava. Tomava graves penitências, e disciplina por suas mãos, repousava sobre áspera cortiça, passava quase todo ano sem se dejeuner, e desejava tanto padecer pelo Redentor, que continuamente lhe pedia atormenta-se seu corpo com tais dores, e chagas, que parecesse outro Job, até que mereceu ouvir de sua divina boca:

– *Filha estás despachada à medida do teu desejo: com que ficou muito consolada.*

Quando dali a poucos dias lhe nasceu um mordaz cancro na face esquerda, e tanto se apoderou da queixada, que em breve chegou ao

ombro com notável disformidade, sobrevindo-lhe a tempos copiosos froxos de sangue, os quais (feita um protótipo de paciência) com inaudita alegria recolhia numa vasilha, que para isto trazia consigo, ficando muitas vezes quase morta; sem pulso, até que tornava, dizendo: – *Este é o favor que o soberano Rei da Gloria me prometeu: pelo qual lhe rendia multiplicadas graças, e muitas mais, depois que se viu segregada da Comunidade, por conselho dos Médicos, entendendo-se ser o mal contagioso.*

Porem as Religiosas, como havia sido mãe de todas, obrigadas do excessivo amor que lhe tinham, nunca a desampararam. As quais ela dizia confiadamente:

– *Madres por mais que continuem em me ver, não hão de contrair semelhante mal, porque o Senhor assim mo prometeu, quando lho pedi, reservando só para esta pecadora, tão cordial mimo.*

Neste estado preservaram seis meses, sem afroxar já mais de seus rigores, nem consentir roupa de linho no leito. E vaticinando a morte, que seria no princípio de Maio, preparava para ela o sagrado Viático, e santa Unção, se foi em provizo ao refrigério eterno. No dia seguinte, praticando na varanda duas Religiosas à prima noite cerca de sua salvação, levantando (por) acaso os olhos ao Céu, virão uma extraordinária luz, que lançava de si refulgentes raios, e no meio uma alvíssima pomba, com asas argentadas, como a pinta ou Psalmista, e gritando ambas:

– *Lá vai a alma de Sòr Francisca para a glória.*

Acudirão a seus brados outras, que também participarão da mesma visão, e o resto da casa, que naquele comenos estava em oração, entendeu o mesmo, porque querendo aquelas contar a estas, o maravilhoso sucesso, elas lho manifestarão primeiro, com que todas louvando ao Senhor, ficarão certas de sua predestinação.

CARDOSO, J. (1666) – *Agiolégio Lusitano...*, Tomo III, fls. 31-32.

### **Catharina de S. João (3 de Maio)**

Neste dia, no Convento do Torrão, rematou seus breves, mas felizes anos, Catharina de S. João, servente desta santa Comunidade; em cujo humilde exercício, se mostrou sempre diligente, solícita, zelosa, e afável, atraindo a si com isto, as vontades de todas. Passava a vida irrepreensivelmente, com tal pureza de consciências, que mereceu ver, três dias antes que expirasse, a Cristo crucificado, e a Maria Santíssima, a quem encomendou a perpetuidade desta casa, dizendo também coisas admiráveis, e celestiais, no espaço deles, até que voou sua cândida alma, como Pomba sincera, a descansar em ninho da eternidade, tendo somente vinte anos de idade.

CARDOSO, J. (1666) – *Agiolégio Lusitano...*, Tomo III, fl. 51.



FIG. 15 – Aspecto atual da área do Refeitório que existia ao nível térreo, entretanto desaparecido. Vêem-se também os compartimentos existentes no andar superior, bem como outros no lado direito da foto.

### *Sôr Isabel do Rosário Clarissa (6 de Maio)*

*Em N. Senhora da Graça do Torrão, (Mosteiro de Clarissas no Arcebispado de Évora) a saída deste para o outro mundo de Sôr Isabel do Rosário, Freira de véu branco, em cujo sujeito resplandecia já no berço a santidade, onde parece a prevenio o Senhor, para mimola, e regalada esposa sua. Crescendo pois na idade, e virtude, vendo-se alistada entre as servas de Deus, fez seu emprego na oração mental, delicioso pasto das almas, em que recebia singularíssimos favores do Céu, e na lição dos livros devotos, e espirituais, que lhe servirão de mestres para os saber conhecer, e estimar.*

*E com isto agradou tanto ao celestial esposo (a quem todos seus cuidados se dirigião) que sublimou uma alta contemplação, e íntima união com ele, nomeando sempre a N. Senhor pelo seu Amado. E por ter esta prerrogativa a Águia dos Evangelistas, lhe era tão afectá, que nos dias de suas Festas, corriam por sua conta os gastos, e esmolas das Missas. E assim mesmo ao mellifluo Bernardo, por ser amores da Rainha dos Anjos. Era muito caritativa para as enfermas, desvelava-se em lhes assistir, e procurar o necessário de cada dia, não se apartando nunca da presença divina. Na ultima enfermidade, conheceu dias antes, que dela havia de morrer, dizendo continuamente:*

*– Graças vos dou Senhor, por ser já chegado o tempo de minha alma deixar o cárcere terreno, que há quarenta anos a detêm.*

*Bendito seiais meu Amado, que brevemente vos hei-de ver às claras nessa Celestial Jerusalém, que tantas vezes passeie em espírito. E desejando já de chegar àquela ditosa hora, confessou-se geralmente com muitas lágrimas, porem não comungou por causa dos vômitos, contendo-se com adorar o Santíssimo Sacramento, pedindo ao Sacerdote, que lhe desse a beijar a sagrada Hóstia, para consolação sua. Tomou logo os Santos Óleos, e estando muito presente a tudo.*

*Porque perguntando-lhe neste comenos certa Religiosa:*

*– Se estava conforme co a divina vontade. Respondeu:*

*– Paratum cor meum Deus, paratum cor meum.*

*E vendo que se acabava a semana, prazo pelo Céu assinado, sem fazer jornada, na noite da festa para o sábado, exclamou:*

*– Ainda amanhã, Senhor, ainda amanhã.*

*E inquirida a razão, não acudiu com ela, sendo que tinha os sentidos mito espertos. E Quando depois virão que falecera ao Domingo, entenderão que se queixava de ter mais um dia de vida. Abraçada então com um Crucifixo, pronunciando aquelas devotas palavras:*

*– Christus factus est pró nobis obediens, vsque ad mortem, rendeo o galhardo espírito.*

CARDOSO, J. (1666) – *Agiolégio Lusitano...*, Tomo III, fls. 97-98.

### Sôr Catarina da Trindade. (22 de Junho)

*Também no Convento de N. Senhora da Graça do Torrão, resplandeceu entre outras servas de Deus, a Madre Catarina da Trindade, que nunca faltou nas Comunidades, por maiores enfermidades que padecesse. Era muito penitente, e abstinente, debreavase com açoites continuamente, sem levar para baixo coisa de porte. Sabendo que alguém se escandalizara dela, antes que se recolhesse, lançada a seus pés, com as mãos postas, lhe pedia perdão, dizendo:*

*– Que não isto virtude, mas obrigação da Regra.  
Três dias antes que expirasse, esteve sem ver, nem ouvir nada deste mundo, dizendo coisas admiráveis do outro, e batalhando com o inimigo infernal, até que pronunciando com voz prateada:  
– Laudate Dominum omnes gentes, partiu para o choro das santas Virgens, em idade de 28 anos, acompanhada de egrégios feitos.*

CARDOSO, J. (1666) – *Agiolôgio Lusitano...*,  
Tomo III, fl. 787.

### DOCUMENTO 6<sup>55</sup>

Olivais em volta do Castelo e da Vila (Freguesia da Vila / Torrão)

*“Seis olivais, hum ao Castello, outro ao Moirão, outro na Areda, outro ao pego das Canas, outro no Azinhal, e outro ao Ribeiro do Couão, foreiros as Religiosas do convento de Nossa senhora da Graça desta villa em quatro alqueires e meyo de azeite digo em seis almudes de Azeite que importao em quatro mil e oito centos reis que estão arrendados a Joze Marques Estaco em vinte e quatro mil reis de que abatido o foro vem a decima mil e nove centos e vinte reis.*

1\$920

2\$360”

<sup>55</sup> *Livro da Decima do Termo do Torrão, do ano de 1766, fl. 46.*

**FIG. 16** – A vila do Torrão e o território envolvente, visíveis desde o vale do rio Sado, junto ao Xarrama. Ao centro, a torre de depósito de água (sítio do castelo medieval). Ao lado a igreja matriz. No canto direito, num ponto alto, a ermida de N.ª Sr.ª do Bom Sucesso.



DOCUMENTO 7 <sup>56</sup>

Terra em Val Paraizo foreira a Soror Maria do Carmo  
(Freguesia da Vila / Torrão)

“[fl. 46v] *Hum quarto de terra chamado do Frazão a Cruzinha que leva em semiadura doze alqueires de trigo, e outro quarto a horta do Pinheiro que levava em semiadura quatorze alqueires de trigo = huma courela a Val de Paraizo que levava em semiadura vinte alqueires, e todas estas terras se semeia dois anos e hum [mês] e são foreiras em duzentos reis a Santa Caza da Misericórdia que he previligiada cujo foro he da courela do Frazao; e a de Val de Paraizo he foreira a Religiosa Soror Maria do Carmo (em vinte e seis alqueires*

*de trigo), do convento desta villa, que he previligiada. Avaliadas estas propriedades em nada ---- de trigo de que abatidos sinco mil e quatrocentos do foro de vinte e seis de [fl. 47] Alqueires de trigo e os duzentos reis, abatidos dos gastos vem a decima = digo = os gastos fica liquido digo em nada por nao chegar os foros ---”*

<sup>56</sup> Livro da Decima do Termo do Torrão, do ano de 1766, fls. 46v e 47.

DOCUMENTO 8 <sup>57</sup>

Foros de lagar de azeite em São Roque, foreiro do convento  
(Freguesia da Vila / Torrão)

“[fl. 47v] *O mesmo por hum lagar de fazer azeite chamado de São Roque forera em seis cantaros e meio de azeite as Religiosas do convento desta villa que são previligiadas e seis cantaros a suas Irmans que a oito centos reis importao estes em quatro mil e oito [fl. 48] oito centos reis de que vem a decima quatro centos e setenta reis – e a sim mais pensionado em três mil reis para missas foi avaliado segundo presso medio em trinta almudes de azeite que pelo presso da lei importao em vinte e quatro mil reis de que abatidos os foros, e pensão das missas que importao em treze mil reis, ficam liquidados - - - e destes abatimentos [...] gastos na forma da lei vem a decima digo abatidos os foros de [...] pelas missas da dehirem distribuindo pelas mais fazendas ficao líquidos dezacete cantaros e meio de azeite q importao dozemil e oitocentos reis e destes digo quatorze mil reis e a debida Dessima q para comse[cao] fica liquidado doze mil e seissentos reis a q vem a dessima mil e duzenros e secenta q não sabem fora por ficarem para a pensao das missas -----”*

<sup>57</sup> Livro da Decima do Termo do Torrão, do ano de 1766, fls. 47v e 48.

DOCUMENTO 9 <sup>58</sup>

Herdade da Serrinha  
(Freguesia de Odivelas, Termo do Torrão)

“*Herdade da Serrinha de q hé lavrador ao quando Romão Roiz e Senhorio o Neto de Pedro Alcantara Pato paga às Religiosas desta Vila] <sup>59</sup> vinte alqueyres de trigo e à Miz[ericordia] de Alvito dois alqueires de trigo e três quartas de sevada a que se não conbra Decima por ser Privelegiada”.*

<sup>58</sup> Livro da Decima do Termo do Torrão, do ano de 1769, fl. 187v.

<sup>59</sup> Vila do Torrão.

FIG. 17 – Rio Xarrama no Mourão, junto ao Torrão.



## DOCUMENTO 10 <sup>60</sup>

Breve Apostólico a favor de Joana Joaquina Rosa e Ana Joaquina Lemos, para entrarem e permanecerem em hábito secular (1757-02-12 a 1757-04-01)

“[fl. 22v] Soror Anna do Apucalipse Escrivã deste Mosteyro de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da graça da V[ila] do Torrão certifico q a R[everenda] M[adre] Abb[adeça] Soror Perpetua do Ceo, a tom de campa na forma do mandado propros em vottos Secretos capitular m[uito] tomados as Inpatrantas declaradas neste dito Mandado e ficarão [a castas] para viccarem em hábito Secular (riscado) por todos os [(de)cretos].

E outro sim certifico em como a dita M[adre] abb[adeça] recebeo cem mil reis da esmola extra ord[inaria] por vir agora só humas das impetrantes conforma o estillo e actas do Ex.<sup>mo</sup> Sor Archebb[ispo] em [se(l)o] do q passey a presente q assignay com a R[everenda] M[adre] abb[adeça] com[unidade] de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da graça da V[ila] do Torrão aos 13 de março de 1757.

<sup>60</sup> O processo contém vários fólhos. Está depositado no Arquivo Distrital de Évora, no fundo referente a este Convento.

Soror Perpetua do Ceo Abb[adeça] Soror Anna do Apucalipse  
escrivã do conv[ento]  
Reconheço  
(rubricas ilegíveis)

Declaro q os cem mil reis se receberam de Anna Joaquina de Lemos q he a mesma q foi posta em vottos e por verd[ade] fiz esta declaração q assigney com a R[everenda] M[adre] Abb[adeça] (do) Conv[ento] de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da graça da V[ila] do Torrão dia mês e Anno asima dito

Soror Anna do Apucalipse escrivã do convento  
Soror Perpetua do Ceo Abb[adeça]  
Reconheço  
(assinaturas)

## DOCUMENTO 11 <sup>61</sup>

Sentença Apostólica a favor de Maria da Assunção, religiosa de Veo Preto, para ter uma criada secular de nome Vicencia Maria (1763-05-25 a 1763-06-14)

“[fl. 14v] Certifico eu Soror Ignacia da Gloria escrivã deste conv[ento] de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da graça da villa do Torrão em como a M[adre] Abb[adeça] Soror Maria da Purificaçam em cumprimento do manda[mento] apostólico [...] mandou tocar a(s) campainhas religiosas, (as) vogais Religiosas por udtos secretos, a Vicencia Maria p[ara] criada de Maria de Assunção e ficando a serva pela maior parte dos [auttos] de q [perceo] aprez[entar] [hà] comunidade [...] M[adre] Abb[adeça] assignou comigo. Torrão em cinco de Maio de mil e setecentos e sessenta e três.

Soror Maria da purificaçam  
Abb[adeça] e Soror Ignacia da  
G[loria] escrivã

<sup>61</sup> Inserido no Processo 0009, contém vários fólhos. Está depositado no Arquivo Distrital de Évora, Fundo do Convento de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Graça do Torrão.

FIG. 18 – Frescos existentes no coro de baixo.



DOCUMENTO 12 <sup>62</sup>

Processo com Perguntas a Soror Engracia Joaquina, que antes de entrar na clausura se chamava D. Inácia Teresa de Melo (1767-05-04 a 1767-06-05)

“[fl. 8] *Certifico eu Soror Maria do Ceo Escrivãa deste convento de N S da graça da v[ila] do Torrão Abb[adeça] Soror thereza X[avier] porpos em gozos secretos a Soror Engracia Joaquina p[ara] profeçar neste conv[ento] e sabio aceita por todos os votos em pé do qual passei a prezente, de mandado da M[adre] R[everendissima] M[adre]*

*Abb[adeça] que comigo assignou. Sta Clara do Torrão quatro de Julho de mil setecentos e sessenta e sete.*  
*Soror Thereza X[avier] Abb[adeça].*  
*Soror Maria do Ceo Escrivãa do cov[ento]*

<sup>62</sup> Inserido no Processo 0012, contém vários fólhos. Está depositado no Arquivo Distrital de Évora, Fundo do Convento de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Graça do Torrão.

DOCUMENTO 13 <sup>63</sup>

Autos de apresentação de Maria Clara a fim de professar no Convento de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Graça do Torrão (1790-03-02)

DOCUMENTO 13.1

“[fl. 1] *Torrão anno de 1790*  
*[rubrica ilegível]*

*Autos de apresentação de huma comição que se passava a favor de Noviça Soror Margarida Clara para fazer a sua profição*  
*[várias rubricas ilegíveis]*

<sup>63</sup> Processo com vários fólhos. Está depositado no Arquivo Distrital de Beja, no Fundo da Câmara Eclesiástica de Beja, Processos de Educandas, Seculares, Noviças e Professas, 0105.

*Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Chyrsto de mil setecentos e nouventa anos a sinco dias digo aos daiz dias do mez della [...]*  
*dito anno em esta Villa do Torrão ela na regnal da Portaria do convento de Nossa senhora da Graça da mesma villa donde ea escrivão ao [sedonte] nomia do fui e sendo o Ex. Com e Reverendo vegario Francysco José Salgado pello mesmo me foi apresentada huma comição de [sinado] pello referendissimo.*

DOCUMENTO 13.2

*“Eu Soror Maria do lado de Jesus escrivam deste conv[ento] de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Graça da villa do Torrão com a R. M.<sup>a</sup> Abb.<sup>a</sup> e mais religiosas do governo todas abaixo assignadas atestamos e juramos aos S[an]tos Evangelhos em como os seis sentos Mil Reys q esta comunidade Recebeo no dia da entrada das noviças dos seus meios dotes q se custuma dar a entrada se [puzera] logo e no mês de maio a Juros de sinco por sento trezentos mil reis na mão de Antonio Henrique morador em Ferreira e os outros trezentos mil reis em mão de D. Izabel Gomes Palma moradora na vila de Serpa com boas ipotecas e escrituras q se achão no cartório desta comunidade isto tudo afrimamos e juramos aos S[an]tos Evangelhos. Conv[en]to*



FIG. 19 – Recriação histórica de um Capítulo de Clarissas no Convento Real de Santa Clara de Beja, atual Museu Regional de Beja (foto de Francisco José Paixão, a quem agradecemos).

da N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da graça da villa do Torrão,  
em 15 de Abril de 1790.

Soror Maria J[acin]ta da [Purificação]  
[...] Abb[adeça]  
Soror Izabel Luzia da Anunciada M[adre]  
da [ordem]  
Soror Marianna [...] de S[anta] Clara  
M[adre] da [ordem]  
Soror Izabell Ja[cinta] de [Tesejo] M[adre]  
da [ordem]  
Soror Maria do lado de Jesus escrivaã

Reconbeço a letra deste fação e sinais supra  
serem da(s) M[adres] reverendas Madres  
Abb[adeça] [fl. 1v] Abb[adeça] e das Madres  
descretas do convento de Nossa Senhora da Graça  
desta villa dos seus próprios Sinais e da Escrivam do mesmo Convento.  
Torrão 15 de Abril de 1790.

Abb[adeça] Soror Maria J[acin]ta da [Purificação]  
Escrivam, Soror Maria do lado de Jesus



FIG. 20 – Sala do Capítulo do Convento de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Graça do Torrão. Aspecto atual.

## DOCUMENTO 14 <sup>64</sup>

### CONVENTO DE N.ª S.ª DA GRAÇA DA VILA DO TORRÃO

[fl. 1] “Convento de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Graça do Torrão

*Este caderno que há-de servir para nelle se descrever o convento e edificios annexos, seu estado material e sua avaliação, vai numerado em rubricado por mim [...]*

Torrão 10 de Setembro de 1859

O presidente da com[ra]ca  
Ladislau Munis [...]

[fl. 1v] <sup>65</sup> – Convento de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Graça  
da Villa do Torrão Religiosas da Ordem  
de S. Francisco

<sup>64</sup> Processo com vários fólhos. Está depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, sob a designação de Processo de extinção do Convento de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Graça do Torrão.

<sup>65</sup> A numeração dos fólhos é nossa.

### Descrição do Convento e Edifícios Anexos

*Este convento situado dentro da villa para o lado do sul ficando o muro da cerca no fim do mesmo por este lado. Parte do Norte com a rua do Poço Mau, Sul rua do Penedo do Minhoto, Nascente com a travessa das Freiras, Poente com a dita rua do Poço Mau. Foi fundado em 1599 por Maria da Cruz, criada da infanta D. Maria, filha de El Rey D. Manuel, com auxilios pecuniários d’esta infanta. He sujeita ao ordinário. D. Teotónio de Bragança Arcebispo d’Évora as aceitou a sua obediência com licença de El Rey. Consta de um pateo e dentro deste dois prédios, hum que serve de hospedarias com dois sobrados e uma Alcoba, tem duas janelas resguardadas, uma sobre o dito pateo, e outra para a rua do Poço Mau; debaixo destes uma casa **MORADA DO SACRISTÃO**, e outra **HABITAÇÃO DO ALMOCREVE**; tem mais junto ao convento duas pequenas casas térreas, e [cavalariça] com porta para a dita rua do Poço Mau, e outras duas casas com um quintalinho e porta para a mesma rua que he a **HABITAÇÃO DA VELEIRA**; em correspondência com o portão do pateo e a porta para a cerca; e do lado esquerdo do mesmo pateo é a entrada para o interior do convento. Logo se encontra numa casa grande aonde está a roda, o locatário e as duas grades, numa [trás] com uma janela para a rua*

do Poço Mau, as grades e janela atravessadas por duas ordens de ferros, entrando-se por uma grande porta encontra-se uma casa apeada e mobilada, em seguida os claustros sustentados por uma arcada de alvenaria, no meio destes um quadro, no centro um belo poço com bocal de cantaria. Dentro em redor da arcada há uma porta para o coro de baixo, dois [espaços], sacristia, casa do capítulo com dois altares, maior e menor, outra casa que serve de despejos, e cozinha. Em seguida, o refeitório, em seguida a este a uma cozinha digo uma cercazinha com uma laranjeira, dois poços, seis figueiras, casas e uma escada para o andar superior; há a casa da roda, armazém do azeite, celeiro e casa para despejos. Próximo a casa donde se sobe para os claustros á esquerda está a escada que serve para subir para o andar superior do convento, esta escada é de alvenaria, no fim da qual se encontra uma casa com um nicho onde há uma imagem de N.º S.º Jesus Christo, ao lado uma pia para água benta, três portas, uma para o coro alto, outra para os dormitórios, e a terceira para os claustros superiores. Este claustro é como o inferior, sustentado por uma arcada de alvenaria, em parte derrubada; em todas as sete casas de moradas, três destas tem andar superior com janela para a travessa das freiras com grades de ferros. Aferimos e o maior, compõe-se de uma boa casa, que serve de secretaria com duas janelas para a cerca, [fl. 2v] para a cerca, e mais quatro moradas de casas também com janelas para a dita cerca defendidas por grades de ferro; em seguida mais dois dormitórios pequeninos, um destes tem duas moradas de casas, todas com janelas quadradas digo guardadas por grades de ferro, e uma delas serve d'enfermaria. Há um mirante quadrado e na parede do quadro do lado do Sul estão um pequenino sino e uma sineta. Todo este edificio e prédios nele contidos estão em mau estado, mas não tanto que se possa dizer, ameaçado próxima e infalível ruína. A cerca é um quadrado de terra rodeado de um alto muro de pedra e cal, e tem dentro uma capela com uma imagem do Senhor dos Paços, e dois passos. Tem algum arvoredor, um grande poço e terra de semear que levará quatro alqueires em semeadora.

Igreja

He de abobada, tem dois altares laterais e o altar mor com seu trono, junto ao altar mor do lado esquerdo está na parede uma lápide branca de cantaria em quadro, não direi obra prima admirável d'arte, porém bem trabalhado, com três capitéis terminando em globos pretos de pedra, e do meio sobre o globo e rematado por uma cruz; está lápide que foi feita na parede dentro da qual estão em uso [corrente] depositados os ossos do padroeiro; tem no centro numa inscrição seguinte = **Padroeiro Doutor Simão Soares de Carvalho** – que faleceu na corte de Madrid onde se achava ao serviço de Portugal, e que seus ossos tinham sido trasladados para a capela mor deste convento, e que se dissesse uma missa quotidiana para si e seus herdeiros em quando o Mundo durar, e que para isto se comprasse bens suficientes para sustentar, está a sua disposição no acento, provém com seu testamento que se encontra no Tombo deste Convento, acha-se esta instituição com todas as cláusulas necessárias. Tem duas sacristias, uma pequena de que se não faz uso, contra que actualmente serve. Há nesta arcas de pão de caixa com gavetas que serve de arrecadação de vestimentas, e sobre elle um espelho grande, e hum oratório com uma imagem de Jesus Cristo. No fundo há uma roda que comunicava com o convento, ao lado um confessionário com duas ordens de ferro. Tem dois coros, o de baixo cujas grades estão em relação com o pavimento da igreja, o superior que está em simétrico com aquele, tem duas janelas para a rua do Poço Mau, com grades de ferro e vidraças, pelo lado de dentro tem [fl. 3v] tem cadeiras finas que servem de se sentarem as religiosas na psalmodia, e mais actos da comunidade; ambos os coros tem no fundo um oratório com imagens Jesus Cristo.

Torrão 20 de agosto de 1858

O presidente da comarca  
Ladislao Munis [Besteiro <sup>66</sup>]

O escrivão de fazer  
José d'Oliveira Soares  
[fl 4]

A abadesa

Soror Francisca Dionísia do Carmo Vigaria por [capítulo <sup>67</sup>]

<sup>66</sup> Nome proposto. Temos dúvidas na sua leitura.

<sup>67</sup> É o que sugere estar escrito.

PUBLICIDADE

**em papel...**

**...e na Internet**

[<http://www.almadan.publ.pt>]  
[<http://issuu.com/almadan>]

**dois suportes...**  
**duas revistas diferentes...**

**o mesmo cuidado editorial...**

edições  
CAA  
Centro de Arqueologia de Almada

## BIBLIOGRAFIA

### FONTES MANUSCRITAS <sup>67</sup>

Arquivo Distrital de Beja

Câmara Eclesiástica de Beja. Processos relativos a Educandas, Seculares, Noviças e Professas, que professaram no Convento de N.ª Sr.ª da Graça do Torrão.

Arquivo Distrital de Évora

Fundo relativo ao Convento de N.ª Sr.ª da Graça do Torrão. Processos relativos a Educandas, Seculares, Noviças e Professas.

Biblioteca Pública de Évora

BRITTO, Manoel Guerreiro de et al. (1716-1769) – *Livro das Atas: que para o convento de N.ª S.ª da Graça da Villa do Torrão deixou o S[enhor] Manoel Guerreiro de Britto, cônego da Sé de Evora; visitando o mesmo convento, e presidindo a eleição da Abadeça, em os 9 de Mayo de 1716. Em que sahio canonicamente eleita por Abadeça a R[everen]da M[adr]e Maria da Madre de Deos* (Inédito. Transcrição paleográfica de António Rafael Carvalho, 2015, policopiado).

PRESEPIO, Soror Maria do (1664) – *Constituições ordenadas pella Soror Maria do Presépio fundadora e primeira Abadesa do Mosteiro de Sancta Maria de Jesus no anno de 1583, de que este convento do Salvador de Évora foi fundado e por isso ficarão com as mesmas constituições. Manuscrito, Código 282* (Inédito. Transcrição paleográfica parcial de António Rafael Carvalho, 2016, policopiado).

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Processo de extinção do Convento de N.ª Sr.ª da Graça do Torrão.

Juízo da Índia e Minas. Brasil. Processo de D. Rosa Maria da Exaltação de Santa Cruz.

ALVES, José (1758) – *Memórias Paroquiais. Torrão, Beja*. Leitura de Carla Macedo. Vol. 36, n.º 68, pp. 595-606.

Em linha. Disponível em <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4241888> (consultado em 2016-05-30).

Arquivo da Santa Casa da Misericórdia do Torrão

[Vv.AA] (1700-1871) – *Tombo dos bens, Rendas, Foros e privilegios da Sancta Caza da Misericórdia desta Villa do Torrão que fez por Alvares de sua Magestade que Deus guarde o Doutor Luis Pegas de Beja, Provedor desta Comarca (1699 - 1871)* (Inédito. Transcrição paleográfica de António Rafael Carvalho, 2013, policopiado).

Junta de Freguesia da Vila do Torrão,

Arquivo Histórico

*Livros das Decimas do Termo do Torrão*, ano de 1766.

*Livros das Decimas do Termo do Torrão*, ano de 1769.

Câmara Municipal de Alcácer do Sal

Arquivo Histórico, Comarca de Alcácer do Sal  
*Livro de Registos de Articulados e Sentenças*. Cartório do 2.º Ofício (1898 a 1900)

<sup>67</sup> Todas as fontes manuscritas aqui referidas foram transcritas paleograficamente pelo autor deste estudo. As fotografias são também da sua autoria.

### FONTES IMPRESSAS

ASCULANO, P. F. Cajetano Michelesio e PLACENTIA, R. P. Bonaventura (1794) – *Annales Minorum Seu Trium Ordinum a S. Francisco Institutorum. Ab anno MDLXIV usque ad annum MDLXXIV*. Roma: Typographio Palerianiano com Superiorum Permissu. Tomus XX.

CARDOSO, Jorge (1657) – *Agiológio Lusitano dos Sanctos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira. Tomo II.

CARDOSO, Jorge (1666) – *Agiológio Lusitano dos Sanctos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Lisboa: Officina de António Craesbeeck de Melo. Lisboa. Tomo III.

CARDOSO, Jorge (1744) – *Agiológio Lusitano dos Sanctos, e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Lisboa: Regia Officina Sylviana e da Academia Real. Tomo IV.

CARDOSO, P. Luís (1747-1751) – *Dicionário Geográfico*. Lisboa: Régia Oficina Sylviana e da Academia Real. 2 vols.

CASTRO, João Baptista de (1745) – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa.

CONCEIÇÃO, Fr. Apollinario da (1740) – *Claustro Franciscano*. Lisboa Occidental: Oficina de Antonio Isidoro da Fonseca.

COSTA, António Carvalho da (1708) – *Corografia Portuguesa, e Descripçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal [...]*. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes. Tomo Segundo.

COUTO, Diogo de (1736) – *Decada Quarta (Setima) da Asia, que tratam dos Mares, que descobriram [...]*. Lisboa Occidental: Officina de Domingos

Gonsalves, Impressor dos Monges Descalços desta Corte. Tomo III.

ENCARNAÇÃO, Madre Soror Maria da (1591) – *Regra da Bemaventurada Sancta Clara, & Constituições do Mosteiro de Sancta Marta de IESV, impressas por ordem & mandado da Madre Soror Maria da Encarnação, hua das fundadoras, & segunda Abadesa da dita casa*. Lisboa: Ed. com Licença do Sancto Officio & do Ordinario.

MACEDO, Carla (2008) – “Inquéritos Paroquiais de 1758 no Concelho de Alcácer do Sal: resposta da Freguesia do Torrão”. *Neptuno*. Associação de Defesa do Património Cultural de Alcácer do Sal. 15.

MORAES, Manoel da Sylva (1737) – *Vida Admirável [...] (d) o Serafico S. Francisco de Assis*. Lisboa Occidental: Officina de Manoel Fernandes da Costa, impressor do Santo officio.

RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha (1871) – *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborense*. Lisboa: Imprensa Nacional. Tomo III (que compreende a História).

SOUSA, D. Manuel Caetano de (1725) – “Catalogo Alfabetico dos Prelados Portuguezes, que tiveram Dioceses, ou Titulos fora de Portugal, e suas Conquistas, com noticia Topografica das cidades de que forão Prelados”. In *Collecçam dos Documentos e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza, que neste ano de 1725 se compôs e se imprimirão por ordem dos seus Confrades*. Lisboa Occidental: Officina de Pascoal da Sylva, fls. 101-260.

### ESTUDOS

BASTO, Ana Carolina de Domenico de A. (2003) – *A Vila do Torrão Segundo as Visitações de 1510 e 1534 da Ordem de Santiago*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Porto (policopiado).

CARVALHO, António Rafael (2008) – “A Muçalla do Hişn Turrus/Torrão: uma hipótese de trabalho”. *Al-Madan Online*. 16. Em Linha. Disponível em [https://issuu.com/almadan/docs/almadan\\_online\\_16](https://issuu.com/almadan/docs/almadan_online_16).

CARVALHO, António Rafael (2009) – *Torrão do Alentejo: Arqueologia, História e Património*. Alcácer do Sal: Junta de Freguesia do Torrão e Câmara M. de Alcácer do Sal (*Coleção Digital - Elementos para a História do Município de Alcácer do Sal*, 4). 3 vols. Em linha. Disponível em <http://www.cm-alcacer-dosal.pt/PT/Actualidade/Publicacoes/Paginas/Estudos-do-Gabinete-de-Arqueologia.aspx>.

LAHON, Didier (2012) – “Da Redução da Alteridade à Consagração da Diferença: as irmandades negras em Portugal (séculos XVI-XVIII)”. *Projeto História*. São Paulo. 44: 53-83.

MOONEY, Catherine M. (2006) – “Francis of Assisi as Mother, Father, and androgynous Figure”. In KUEFLER, Mathew (ed.). *The Boswell Thesis: Essays on Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality*. Chicago: University of Chicago Press, pp. 301-332.

SERRÃO, Vitor (2015) – *Arte, Religião e Imagens em Évora no Tempo do Arcebispo D. Teotónio de Bragança, 1578-1602*. Vila Viçosa: Fundação Casa de Bragança.

# al-mada-ma

online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

uma edição



## CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[[c.arqueo.alm@gmail.com](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com)]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]